

A Secretaria de Estado da Cultura do Estado
do Rio Grande do Sul apresenta

CAPOEIRA

em Porto Alegre

NA DÉCADA DE 1970



OS MESTRES, O INÍCIO E O DESENVOLVIMENTO

Áfricanamente Ponto de Cultura | Mestre Guto (Orgs.)

Copyright © Editora CirKula LTDA, 2023.

1° edição - 2023

REVISÃO E PREPARAÇÃO DOS ORIGINAIS: Mauro Meirelles

NORMATIZAÇÃO: Mauro Meirelles

EDIÇÃO E DIAGRAMAÇÃO: Mauro Meirelles

CAPA: Marina Kerber

Ilustrações: Magnólia Dobrovolski e Marina Kerber

TIRAGEM: 2000 exemplares impressos.

Este livro foi produzido com recursos do FAC/RS - Fundo de Apoio a Cultura do Estado do Rio Grande do Sul através do Edital SEDAC nº 07/2021 - Concurso FAC Patrimônio. Venda Proibida. Livro de Distribuição Gratuita.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO-CIP

C245 A capoeira em Porto Alegre na década de 1970; os mestres, o início e o processo de desenvolvimento / autores: Mestre Guto ... [et al.]; organização Mestre Guto; realização Áfricanamente Ponto de Cultura - Espaço Escola; prefácio Marco Antonio Pogliã; ilustrações: Magnólia Dobrovolski e Marina Kerber. – 1.ed. – Porto Alegre: CirKula, 2023.
136 p.: il.

ISBN: 978-85-7150-037-2

1. Capoeira – História – Porto Alegre (RS). 2. Capoeira Angola. 3. Cultura popular. 4. Capoeira – Década de 70 – Porto Alegre (RS). 5. Rodas de Capoeira. 6. Capoeiristas – Formação. I. Guto, Mestre. II. Áfricanamente Ponto de Cultura - Espaço Escola. III. Pogliã, Marco Antonio.

CDU: 796.89(816.51)

Bibliotecária responsável: Jacira Gil Bernardes – CRB 10/463

Editora CirKula

Av. Osvaldo Aranha, 522 - Bomfim

Porto Alegre - RS - CEP: 90035-190

e-mail: editora@circula.com.br

Loja Virtual: www.livrariacirkula.com.br

Este livro foi submetido à revisão por pares, conforme exigem as regras do Qualis Livros da CAPES.

A secretaria Estadual de Cultura do Estado do Rio Grande do Sul

APRESENTA

A CAPOEIRA EM PORTO ALEGRE NA DÉCADA DE 1970

OS MESTRES, O INÍCIO E O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO

AUTORES

Mestre Guto | Mestre Cau | Mestre Índio | Mestre Mano
Mestre Carson | Mestre Fernando | Contramestre Jacó
Professor Odon | Marcelinho | João Horácio

ORGANIZAÇÃO

Mestre Guto
Africanamente Ponto de Cultura e Escola de Capoeira Angola



CIRKULA

2023

EQUIPE DE PRODUÇÃO

Produção Executiva

Rosangela Maria Nazareth Terra “Ogun Pele”

Coordenação Geral

Janine Maria Viegas Cunha “Nina Opa Fola”

Assistente de Produção

Flávio Rogério Soares Marques - Trenel Maskote

Coordenadora de Comunicação

Magnólia Dobrovolski - Trenel Mag

Designer Gráfico

Marina Kerber

Consultor 1

Marco Antonio Saretta Pogleia

Consultor 2

Jovani de Souza Scherer

Consultor 3

Erico Tavares de Carvalho Junior

Contador

Valmir Ferreira Martins

CONSELHO EDITORIAL

César Alessandro Sagrillo Figueiredo

José Rogério Lopes

Jussara Reis Prá

Luciana Hoppe

Marcelo Tadváld

Mauro Meirelles

CONSELHO CIENTÍFICO

Alejandro Frigerio (Argentina) - Doutor em Antropologia pela Universidade da Califórnia, Pesquisador do CONICET e Professor da Universidade Católica Argentina (Buenos Aires).

André Luiz da Silva (Brasil) - Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Professor da UNITAU.

Antonio David Cattani (Brasil) - Doutor pela Universidade de Paris I - Panthéon-Sorbonne, Pós-Doutor pela Ecole de Hautes Etudes en Sciences Sociales e Professor Titular da UFRGS.

Arnaud Sales (Canadá) - Doutor d'État pela Universidade de Paris VII e Professor Titular da Universidade de Montreal.

Cíntia Inês Boll (Brasil) - Doutora em Educação e Professora da Faculdade de Educação da UFRGS.

Daniel Gustavo Mocelin (Brasil) - Doutor em Sociologia e Professor Adjunto da UFRGS.

Dominique Maingueneau (França) - Doutor em Linguística e Professor na Universidade de Paris IV Paris-Sorbonne.

Estela Maris Giordani (Brasil) - Doutora em Educação, Professora Associada da UFSM e Pesquisadora da AMF.

Hilario Wynarczyk (Argentina) - Doutor em Sociologia e Professor Titular da Universidade Nacional de San Martín (UNSAM).

José Rogério Lopes (Brasil) - Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Ileizi Luciana Fiorelli Silva (Brasil) - Doutora em Sociologia pela FFLCH- USP e Professora da UEL.

Leandro Raizer (Brasil) - Doutor em Sociologia e Professor da Faculdade de Educação da UFRGS.

Luís Fernando Santos Corrêa da Silva (Brasil) - Doutor em Sociologia pela UFRGS e Professor da UFFS.

Lygia Costa (Brasil) - Pós-doutora pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Professora da EBAPE da FGV.

Maria Regina Momesso (Brasil) - Doutora em Letras e Linguística e Professora da UNESP.

Marie Jane Soares Carvalho (Brasil) - Doutora em Educação, Pós-Doutora pela UNED e Professora Associada da UFRGS.

Mauro Meirelles (Brasil) - Doutor em Antropologia Social e Pesquisador do LAVIECS/UFRGS.

Stefania Capone (França) – Doutora em Etnologia e Professora da Universidade de Paris X-Nanterre.

Thiago Ingrassia Pereira (Brasil) - Doutor em Educação pela UFRGS e Professor da UFFS.

Wrana Panizzi (Brasil) - Doutora em Urbanisme et Amenagement pela Universite de Paris XII, em Science Sociale pela Université Paris 1 e Professora Titular da UFRGS.

Zilá Bernd (Brasil) - Doutora em Letras e Professora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade LaSalle.

SUMÁRIO

11	AGRADECIMENTOS
17	PREFÁCIO
21	OS MANEJOS DA CAPOEIRA ANTIGA NO RIO GRANDE DO SUL
25	APRESENTAÇÃO (OU DE COMO SURTIU A IDEIA DESTE TRABALHO)
	CAPÍTULO I
29	(OU DE COMO FOI REALIZADA A PESQUISA)
	CAPÍTULO II
33	TRABALHOS PESQUISADOS
	CAPÍTULO III
37	MESTRES E CAPOEIRISTAS ENTREVISTADOS
	CAPÍTULO IV
47	COMO A CAPOEIRA CHEGOU AO SUL DO BRASIL
	CAPÍTULO V
51	MESTRES MATRIZES: CAPOEIRISTAS RESPONSÁVEIS PELA IMPLANTAÇÃO DA CAPOEIRA EM PORTO ALEGRE
	CAPÍTULO VI
63	QUINTAIS, ACADEMIAS E CLUBES: ONDE A CAPOEIRA COMEÇOU A SER ENSINADA
	CAPÍTULO VII
69	CLASSE, RAÇA, GÊNERO E MÍDIA: O PERFIL DOS ALUNOS E MOTIVOS QUE LEVAVAM À PRÁTICA DA CAPOEIRA NA DÉCADA DE 1970

73	CAPÍTULO VIII RODAS DE CAPOEIRA: ACADEMIAS E PARQUES, ENCONTROS E CONFRONTOS
79	CAPÍTULO IX FATORES QUE INFLUENCIARAM A CAPOEIRA NA DÉCADA DE 1970
85	CAPÍTULO X GRUPOS, BATIZADOS E GRADUAÇÕES: DISPUTAS, CORDÉIS E FORMAÇÃO DE NOVOS CAPOEIRISTAS
91	CAPÍTULO XI CAPOEIRA E ARTES MARCIAIS: A RELAÇÃO DOS CAPOEIRISTAS COM OUTRAS MODALIDADES DE LUTA
95	CAPÍTULO XII RESUMO DAS INFORMAÇÕES: UM RÁPIDO OLHAR SOBRE ESTA HISTÓRIA
99	IMAGENS DE ACERVO DOS MESTRES ENTREVISTADOS
115	POSFÁCIO SEMENTE, RAIZ E FRUTO: UMA FOTOGRAFIA DA CAPOEIRAGEM EM PORTO ALEGRE 50 ANOS DEPOIS
131	REFERÊNCIAS
135	REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS

Instagram



Canal no Youtube



Facebook



AGRADECIMENTOS

Nasci no campo e na capoeira me criei.
Na brincadeira de angola e no toque de berimbau.
Na Capoeira, minha vida vou levando. Angola ou Regional.
Para mim, a capoeira, é o esporte nacional.
Meus agradecimentos a todos os meus amigos, parentes e alunos que na capoeira sempre me acompanham.

Mestre Cau

Agradeço primeiramente a meu pai, que me deu o primeiro berimbau, feito com lata de leite “Ninho” quando eu era ainda criança. Em seguida agradeço a Mestre Pelé da Bomba que me deu a minha formação de capoeira. Agradeço também a Mestre Caiçara que me colocou no mundo do show folclórico e onde eu fazia dupla com Mestre Sergipe. Sou grato ao Mestre Dois de Ouro, grande angoleiro, de quem, olhando-o jogar, copiei algumas coisas do jogo. Aos mestres Gajé e Mestre Di Mola, que foram meus parceiros na capoeira de rua. Ao Mestre Cacau, meu aluno e parceiro de show que me ajudou a desbravar o mundo. Ao Mestre Gileno que me levou para fazer o show na Boate em Santos e lá recebi o convite para ir à Porto Alegre. A Marion, a dama da noite, e ao seu irmão Jorge, que me acolheram e me ajudaram a ficar no Rio Grande do Sul. Aos mestres e capoeiristas que fizeram a história da Capoeira em Porto Alegre. Por fim agradeço aos capoeiristas, de diversas gerações, que fizeram e ainda fazem acontecer a roda do Mercado Modelo em Salvador/BA. E um agradecimento especial a todos meus alunos espalhados pelos quatro cantos do mundo. E o mais importante, agradeço a paciência e carinho da minha família, Ibero, Manoela, Laisa, João e Júlia.

Mestre Índio

Agradeço a todas as pessoas que, de alguma forma, ajudaram na minha trajetória na Capoeira. Em especial: ao Mestre Ratinho por ter me incentivado a treinar e ter ensinado os primeiros passos; ao Mestre

Macaô (*in memorian*) por seus ensinamentos; ao meu Mestre Paulinho Mato Grosso, que me recebeu na Muzenza em 1979 e me deu a base que tenho até hoje, dessa Escola que amo, Muzenza; ao Mestre Nino, pelos ensinamentos e por ter me formado Corda Azul – Professor; aos meus irmãos de grupo e jornada: Mestres Fouad, Grego, Batista e Peixinho; ao meu Mestre Burguês por tudo o que me ensinou e continua ensinando, além das oportunidades de mostrar o meu trabalho; a todos os Mestres da Capoeira do Rio Grande do Sul, do Brasil e do mundo, com os quais tenho aprendido muito e trocado boas experiências. Difícil citar todos os nomes, mas alguns deles são: Mestres Xaréu, Pop, Itapoan, Gladson, Cerqueira (*in memorian*) e Monsueto (*in memorian*). Agradeço ainda aos meus colegas e amigos mais experientes do Sul, a saber, os Mestres: Gororoba, Gato-Preto, Delmar, Mano, Barbosa, Renan, Dindo, Chocolate, Jé, Mestra Didi e demais colegas. A todos os alunos que passaram, por mim, ao longo desses anos e, por fim, ao Mestre Guto pela oportunidade de participar desse belo e importante projeto de resgate histórico. E a minha amada esposa Denise, pelo amor e parceria ao longo dos últimos 25 anos.

Mestre Carson

Ao Mestre Monsueto por ter me ensinado os primeiros passos da Capoeira; ao Mestre Cerqueira por ter me dado a honra de ter sido seu eterno aluno e ter compartilhado da sua amizade; ao Mestre Sergipe, meu avô de Capoeira, por todos os ensinamentos e acolhimentos, amizade, respeito e oportunidades que me proporcionou, meu grande ídolo na Capoeira; aos Mestres Paulinho Muzenza, Índio, Miguel Machado e Pop pelos ensinamentos e respeito que sempre me dispensaram; ao Mestre Augusto Januário por todo o carinho, ensinamentos, humildade e pelo apelido que me deu (Rouxinol "Rouxinol porque canta bonito"); ao Odon e ao Pastel por terem me ajudado na criação do Grupo Capoeirando; finalmente à todos os Capoeiristas com quem tive a honra de conviver, jogar, tocar berimbau, dar e levar rasteiras e, obrigatoriamente esquivar e fazer esquivar, e um muito obrigado à todos aqueles que foram meus alunos, os quais muito me honraram.

Contramestre Jacó

Em primeiro lugar a Deus. Em segundo ao esporte capoeira que me abriu portas, e que pude encaminhar tantas pessoas; agradeço ao saudoso Mestre Ananilson “Monsueto” de Sousa, responsável por meu início na arte em 1977 na Academia Kidokan; agradeço ao Mestre Cerqueira pela continuidade do meu desenvolvimento e conhecimento da arte; agradeço ao Mestre Sergipe na qual somos raízes; e em especial ao Mestre Guto e sua valiosa equipe por nos proporcionar a participação no seu livro; por fim agradeço a todos os mestres pois são eles os nossos espelho na arte. Salve, axé!

Prof. Odon

Tenho uma estrada longa e larga, mas tentando não ser ingrato, mesmo assim serei, pois com toda certeza me esquecerei de muitos, considerarei somente o mundo da capoeira pela qual tenho enorme paixão. Há, não significa que meu contato com essas pessoas tenha sido sempre harmônico, no entanto são pessoas que deixaram marcas profundas em meu coração. Início pelos mestres. Churrasquinho que ensinou os primeiros passos e Miguel Machado (estudioso da capoeira) que elevou o nível técnico de um grupo de meninos pobres ao ponto de jogarem em qualquer roda no Brasil. Aos colegas Treze e Ivonei. Com o Treze nós treinávamos de madrugada porque de dia tínhamos que trabalhar e estudar. O Ivonei é um irmão, um cara extremamente confiável, jamais me trairia. Os alunos seriam muitos, mas alguns pelo seu carisma marcaram. Que Deus me perdoe por não lembrar o nome de todos. Porém, citarei alguns que quando foram treinar comigo tinham entre 12 e 60 anos: João, Guto, Deise, Vicente, Alessandro, Claudia, Ane. Para alguns desses sei que fui mais que um mestre, fui um pai. E todos eles sabem que meus sentimentos por eles iam além da relação entre Mestre e Aluno. Deus abençoe a todos. Forte abraço.

Mestre Fernando

Ao meu Pai de Santo Carlinhos da Oxum (*in memoriam*) por ter me levado na excursão para a Festa de Iemanjá, em Cidreira (1976), onde conheci a Capoeira e Mestre Índio. Ao Mestre Índio por me ensinar os primeiros passos na Capoeira. Ao formado Eduardo Toreli por acreditar que eu seria um Capoeirista. Ao Mestre Miguel por me des-

partar para a consciência social e a importância da Capoeira para a inclusão social. Ao Mestre Primo pelo acolhimento e paciência em me receber e orientar meus primeiros passos na Capoeira Angola. Ao Mestre Moraes por me indicar os caminhos da ética e a importância ancestral de Mestre Pastinha para a Capoeira Angola, o rigor técnico e a excelência como referência na busca de ser melhor. E aos muitos camaradas de Norte a Sul que estiveram e estão comigo nessa caminhada, que eu vou deixando um pouco e levando um tanto. Axé “prá” nós.

João Horácio

Antes de tudo agradeço a minha família, meus pais, meus filhos e esposa. Eles são minha essência, minha casa, meu refúgio: Camila, Raquel, Luís Henrique, Luiza e João Vitor. Agradeço a Deus pela minha vida e por poder ensinar. Na Capoeira meus agradecimentos são dirigidos à algumas pessoas que fizeram diferença na minha trajetória enquanto capoeirista: Em primeiro lugar ao Zebrinha (Sérgio Renato Ferraz), meu colega de faculdade que foi a pessoa que me mostrou a Capoeira, me ensinou os primeiros movimentos, que se tornou um grande amigo e me apresentou ao meu primeiro mestre, o Mestre Índio. Em segundo lugar ao Mestre Canhão, pessoa que faço questão de exaltar, com todas as competências e habilidades de um verdadeiro Mestre: exigente, disciplinado, corajoso, tolerante, educado, temido nas rodas de Capoeira de São Paulo, protetor, responsável, motivador, observador e acima de tudo um pai, que nunca me subestimou ou me jogou para baixo, uma alma nobre, a ele devo tudo o que me tornei, ao meu Mestre muito obrigado pela Capoeira eu poder jogar. Agradeço também meus alunos, meus fãs, meus discípulos e aos amigos do Grupo Filhos da Vivência, que me acompanham há quarenta anos, pois sem eles, que são as provas vivas do meu trabalho, eu não seria um mestre verdadeiro e a eles dedico minha vida.

Mestre Mano

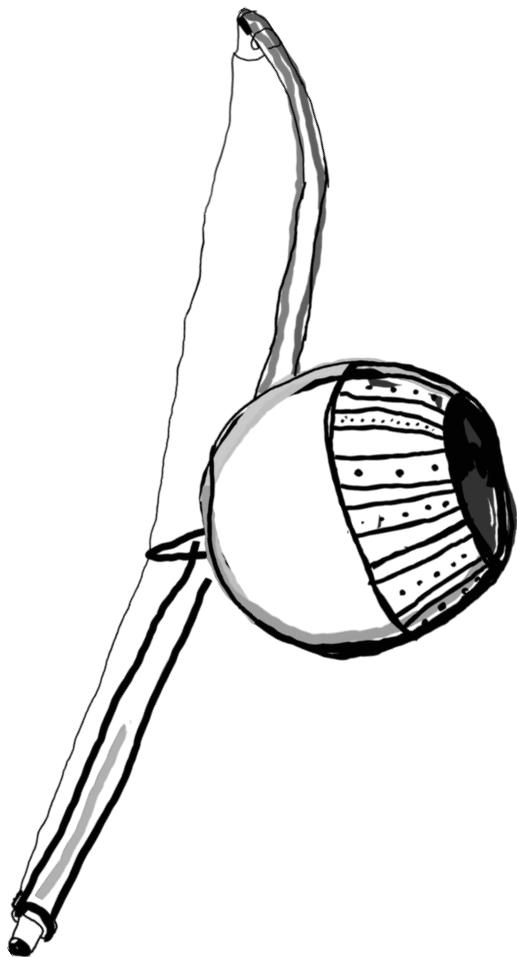
Agradeço em primeiro lugar minha mãe, Matildes Freitas, que com meus 12 anos me levou para o primeiro grupo de Capoeira que treinei, o Grupo Muzenza. Agradeço também a Mestre Monsueto, meu primeiro mestre. Também sou grato Mestre Ratinho com quem treinei

por muitos anos e ao Mestre Miguel que me ensinou a eficiência da Capoeira e a sua relação com a luta do povo negro. Um salve especial aos camaradas que foram meus professores e parceiros durante o tempo que participei no Grupo Cativeiro: Fernando, Ivonei, Treze, Silvinho, Jaburu, Mico e muitos outros que não lembro agora. Muito obrigado ao pessoal da Africanamente Escola de Capoeira Angola onde até hoje participo das atividades. Por fim agradeço o Mestre Guto por ter me convidado para participar da produção deste livro e agradeço também a própria Capoeira por tudo que aprendi.

Marcelo Freitas

Sinceros agradecimentos aos meus mestres, Fernando, Ratinho e Renê, responsáveis pela minha formação enquanto capoeirista e ser humano. A Nina Fola, minha primeira aluna e parceira por muitos anos, que sempre me apoiou nesta caminhada como capoeirista. A Baba Diba de Iyemonja, um amigo, irmão e pai, um orientador nos momentos mais difíceis. Aos colegas dos grupos de Capoeira Cativeiro, Rabo de Arraia e ACANNE, com quem muito aprendi. Aos meus alunos e alunas da Africanamente Escola de Capoeira Angola, por me ensinarem a ser mestre. Aos mestres e amigos, Cau, Índio, Mano, Carson, Fernando, Jacó, Odon, Marcelinho e João Horácio, por aceitarem compartilhar suas memórias neste livro. A Professora Raquel da Silveira pela orientação, antes, durante e depois da pesquisa. A equipe responsável por este trabalho: Nina Fola, Magnólia Dobrovolski, Flávio “Maskote” Marques, Érico Carvalho, Jovani Scherer, Marco Poglia, Marina Kerber e Rosangela Terra. A minha mãe, Maria Eni, por ter me dado a vida. A Andréa Flores minha companheira que segura todas as ondas. E ao Lonã e Raíssa, por serem a minha continuidade neste mundo.

Mestre Guto



PREFÁCIO

Marco Antonio Pogleia¹

Foi com muita alegria que recebi o convite para escrever este prefácio. Primeiramente, pela minha profunda admiração por Mestre Guto e sua trajetória, a qual me sinto privilegiado em poder acompanhar há mais de uma década enquanto seu aluno na Africanamente Escola de Capoeira Angola. Mas, sobretudo, porque *A capoeira em Porto Alegre nos anos 1970* é uma obra a ser celebrada pelos capoeiristas e pesquisadores da capoeira. O livro é um desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Licenciatura em Educação Física (DUTRA, 2019) em que Mestre Guto investigou, de forma inédita, a atividade daqueles que são considerados os “mestres matrizes” da capoeira porto-alegrense. Ou seja, aqueles mestres que deram início ao Ensino da Capoeira na cidade por volta dos anos 1970 e cujo legado possibilitou o seu desenvolvimento nas décadas seguintes. Durante a realização da pesquisa, foi entrevistado um conjunto de mestres e capoeiristas que fizeram parte desse processo, com o apoio de ampla revisão bibliográfica e produções audiovisuais sobre o tema.

Trata-se, assim, de um esforço que, como foi comentado pela banca que avaliou a pesquisa, ultrapassa em muito as exigências de um Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação. Isso foi possível principalmente porque é uma pesquisa realizada “desde dentro”, por um mestre com larga experiência e conhecimento sobre a capoeira e a sua história e que domina os códigos e meandros que tecem as relações sociais entre os capoeiristas.

Além disso, Mestre Guto já acompanhou de perto muitas pesquisas acadêmicas ao longo da sua trajetória, de modo que a sua contribuição para o conhecimento científico sobre a Capoeira antecede lar-

¹ Doutor em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS), pesquisador do Grupo de Estudos Afro – Geafro (NEABI/UFRGS), capoeirista integrante da Africanamente Escola de Capoeira Angola e Coordenador Geral do projeto Angola Poa: expressões da Capoeira Angola em Porto Alegre.

gamente a entrada na academia. Antes de se apresentar como um autor no mundo acadêmico, o seu conhecimento e biografia já se faziam presentes em diversas teses e dissertações realizadas por pesquisadores para os quais concedeu entrevistas – especialmente entre os seus alunos, que sempre contaram com o seu apoio e incentivo. E agora ele nos brinda com esta importante publicação.

Pesquisas acadêmicas sobre a Capoeira em Porto Alegre são bastante recentes, em sua grande maioria realizadas a partir de 2010 e, em geral, voltadas para o cenário atual. Quando nos voltamos para a história, a documentação existente nos permite falar sobre a presença da Capoeira na cidade pelo menos desde meados do Século XIX, como indica o texto do historiador Jovani Scherer neste volume. Mas não da forma como a conhecemos atualmente, ou seja, organizada a partir de grupos e linhagens que se articulam em uma grande rede que já deu a volta ao mundo e que a praticam sob as regras de um ritual mais ou menos padronizado, como é a Roda de Capoeira. Assim, este livro preenche uma lacuna fundamental, possibilitando aos capoeiristas porto-alegrenses e pesquisadores ou interessados no tema uma melhor compreensão das tramas que constituem as origens e o desenvolvimento do ensino formal da Capoeira na capital gaúcha.

A ausência de pesquisas sobre a prática da Capoeira na cidade no período considerado certamente orientou a escolha por um recorte macro-sociológico. Nessa perspectiva, o texto não se restringe a descrições biográficas, voltando-se também, por um lado, para os principais locais em que a Capoeira era ensinada e o perfil dos alunos que a praticavam, os espaços públicos e privados em que se costumava realizar as Rodas de Capoeira e os conflitos sociais entre os capoeiristas que não raro se explicitavam nessas ocasiões. E, por outro, para o contexto em que a capoeira estava inserida nos anos 1970: a expansão nacional e o processo de esportivização, a relação dos capoeiristas com outras modalidades de luta e a atenção para aspectos formais, como os batizados e as graduações.

Dessa forma, esta é uma obra que, por sua amplitude, aponta para diversos campos a serem explorados e, sem dúvida, servirá como bússola para pesquisas posteriores sobre a capoeira em Porto Alegre e no Rio Grande do Sul. E mais do que isso: trata-se de uma importante contribuição para o conhecimento da História da Capoeira no Brasil.

Nesse sentido, o livro se soma aos esforços recentes de uma série de pesquisadores que busca compreender a presença da Capoeira no país para além da Bahia e Rio de Janeiro, os grandes centros considerados historicamente mais influentes da Capoeira e para o qual se voltam a maioria das pesquisas.

Cabe destacar, ainda, a linguagem simples e fluida – livre dos excessos acadêmicos e sem golpe em vão – que oferece uma ótima experiência ao leitor.

Porto Alegre, RS, Brasil.
Dezembro de 2022.



OS MANEJOS DA CAPOEIRA ANTIGA NO RIO GRANDE DO SUL

Jovani Scherer¹

A tradição e a cultura das populações afro-brasileiras no Sul do Brasil durante um bom tempo foi invisibilizada, em razão de versões oficiais que valorizavam muito mais as histórias ligadas aos imigrantes de origem europeia, especialmente alemães e italianos.

Tradições de origem africana e afrodescendente, por muito tempo ficaram nesse campo do invisível. Ao que parece, bastava um pouco de vontade e muita, muita pesquisa, de pessoas de diferentes campos do conhecimento (historiadores, antropólogos, poetas, músicos) e de origens diversas para que histórias antes desconhecidas e tidas como improváveis – ou impossíveis – em terras do Sul do Brasil, passassem a ser vistas como possíveis e, até comuns.

A Capoeira, nesse sentido, começa a sair da invisibilidade. Contamos atualmente com um número considerável de fontes, como processos-crime, notícias de periódicos (jornais) e cronistas antigos, que demonstram, sem dúvidas, que a Capoeira estava presente no Rio Grande do Sul, já, pelo menos desde meados do Século XIX. Nas cidades de Porto Alegre, Pelotas, Bagé e Rio Grande é onde encontramos os relatos mais antigos da então província do Rio Grande do Sul.

A expressão “fazendo o manejo” como gíria de Capoeira, aparece em um desses casos. Na ocasião, um rapaz “passou uma rasteira” em uma “preta da Costa”, que morreu ao bater com a cabeça no chão, deixando o balde de água que trazia cair. Isso é apenas um pequeno trecho do que ocorreu na cidade de Bagé, registrado em um processo criminal no ano de 1866.

Já em Porto Alegre, no ano de 1855, José Cipriano da Silva feriu mortalmente “seu amigo” José Lopes, Cabo da Esquadra, com uma *faca de sapateiro*. Os dois caminhavam pela Rua da Alegria (atual General

¹ Professor de História, Doutorando em Antropologia Social, capoeirista da Africanamente Escola de Capoeira Angola, membro do GeAfro da UFRGS.

Vitorino) quando começaram com “um brinquedo que constantemente ambos tinham”. José Lopes disse para José Cipriano que:

Iria lhe dar uma cabeçada... e o dito cabo com gaiatices, pulando de uma à outra parte com **capoeiragem**, espetou-se em uma faca que ele interrogado trazia

(Fonte: APERS – Porto Alegre/Tribunal do Júri).

Nota-se que José Cipriano indica que a Capoeira era uma prática constante entre os dois. É evidente, também, aqui a malícia do acusado: de forma quase debochada, ele diz à polícia que o cabo José Lopes se espetou na faca que trazia.

Um traço muito comum a relatos de diferentes épocas e, em diferentes fontes, é a ligação com ocupações marítimas dos homens chamados de *capoeiras*. No Século XIX, as fontes encontradas indicam fortes ligações da prática da Capoeira com ocupações portuárias, e por outro lado, como recurso para resolver disputas e desavenças, especialmente em locais onde se obtinha acesso a água nas cidades. Onde havia água, era onde se encontravam os *capoeiras*: trapiches, docas, poços e fontes de água. Onde havia disputas, era onde a capoeira se manifestava. Ambiguamente, os documentos que resultam da repressão à *capoeiragem* dos antigos nos possibilitam fazer com que sua história saia da invisibilidade.

Em Porto Alegre, nas primeiras décadas do Século XX, encontramos indícios da organização da prática da Capoeira em grupo e com provavelmente uma “chefia” estabelecida. O jornal a Federação, de Porto Alegre, narra a abordagem de um Agente Municipal que, em 1911, se deparou com um grupo de “rapazes de cor” que se divertiam num exercício de “Capoeira e Esgrima”, na rua Marquês do Herval, próximos ao número 34, bairro Moinhos de Vento. Ao contrário dos casos anteriores nenhum *capoeira* foi preso, ou diretamente envolvido com um crime, e, conforme o referido jornal, o Agente Municipal procurou aquele que parecia ser:

O **chefe da pagodeira**, o guarda referido admoestou-o, dizendo-lhe que a rua não era local apropriado para esses exercícios, e pedia-lhe a bengala com que esgrimia.

Tendo o grupo prometido acatar as ordens do agente, este **retribuiu a bengala ao respectivo dono, continuando seu caminho**

(Fonte: Jornal A Federação, 1911).

A pesquisa sobre essa e outras fontes ainda está em um estágio inicial. Mas é promissor o caminho que elas desenham para uma visão mais profunda e histórica da prática da *Capoeira Antiga* no Rio Grande do Sul. Essa última em específico, demonstra a prática da Capoeira com uma liderança (poderíamos chamá-lo de Mestre?) estabelecida. Quanto tempo durou esse grupo, quem eram esses rapazes e o tal “chefe da pagodeira”? Questões essas que merecem uma atenção mais longa, em um estudo cuidadoso para buscar compreender as primeiras manifestações da prática da *Capoeira Antiga* no RS.

Porto Alegre, RS, Brasil.

Outubro de 2022.



APRESENTAÇÃO

(OU DE COMO SURTIU A IDEIA DESTE TRABALHO)

Mestre Guto¹

Na cultura da Capoeira saber a história, a linhagem ou a caminhada de alguém é sempre muito importante. Assim, nada mais justo que eu me apresente, conte um pouco da minha trajetória e lhes diga como surgiu a ideia de fazer este livro sobre os mestres e o desenvolvimento da capoeira em Porto Alegre na década de 1970.

Meu nome é Mário Augusto da Rosa Dutra, o apelido “Guto” é herdado da família, em 1988, aos 18 anos de idade iniciei a aprender Capoeira com o Professor Fernando do Grupo Cativo e uma das primeiras lições recebidas foi que para compreender a Capoeira era necessário conhecer a história e a contribuição dos povos africanos que foram trazidos para o Brasil. Em 1991 ele parou de dar aulas e eu passei a treinar com o Professor Ratinho (Anselmo Accurso), que também fazia parte do grupo. Posteriormente, em 1995, o Professor Ratinho fundou a ACCARA – Associação Cultural de Capoeira Angola Rabo de Arraia, onde em 1996 fui reconhecido como Instrutor de Capoeira. No final de 1997, em virtude de problemas pessoais, eu solicitei o meu desligamento da ACCARA.

No ano seguinte, eu me vinculei ao trabalho de Mestre Renê Bitencourt, mestre baiano, que eu havia conhecido, anos antes, durante um encontro realizado por Mestre Renato Beabá², na EPA – Escola Porto Alegre, e passei a representar a ACANNE – Associação de Capoeira Angola Navio Negro no Estado do Rio Grande do Sul. Durante cinco anos realizei diversos encontros, oficinas e intercâmbios, além de várias viagens à Salvador para aprender juntos aos velhos mestres.

1 Mestre de Capoeira Angola, bacharel e licenciado em Educação Física/UFRGS, Mestrando em Educação – PPGEDU/UFRGS, membro da Rede de Pontos de Cultura do RS, integrante do Conselho Gestor da Salvaguarda da Capoeira Gaúcha, Mestre da Africanamente Escola de Capoeira Angola, Omó Orisà do Ilê Asé Iyemonjà Omi Olodò e integrante do GeAfro/UFRGS.

2 Renato de Oliveira, mestre responsável pelo Grupo de Capoeira Angola Malta dos Guris e Gurias de Rua.

Percebendo as dificuldades de adaptação das características regionais, Salvador – Porto Alegre, Mestre Renê sugeriu que eu desenvolvesse um trabalho próprio e colocou-se à disposição para continuar-me orientando neste novo projeto.



Assim, em 2003 fundei a Africanamente Escola de Capoeira Angola com o objetivo de divulgar os valores filosóficos africanos presentes na cultura da Capoeira Angola, através de vivências, palestras e realização de seminários e eventos. A chegada a esta etapa, exigiu a formação de novos multiplicadores que pudessem ampliar estes saberes para mais pessoas.

Como resultado desta caminhada, em 2010, recebi o título de Contramestre e em 2019 fui reconhecido como Mestre de Capoeira Angola durante evento, realizado por Mestre Renê em Salvador/BA, que contou com a presença de diversos mestres da velha guarda.

A prática da capoeira foi fundamental para eu me entender enquanto homem negro, a sua filosofia me ensinou a bem viver em comunidade e os treinos e os jogos despertaram o desejo de aprender mais sobre as Ciências do Movimento Humano. Tanto que, em 2013, entrei através do sistema de cotas, no curso de Licenciatura em Educação Física da UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul com o propósito, desde o princípio, de estabelecer um diálogo entre os conhecimentos acadêmicos e capoeirísticos, numa relação complementar e de crescimento mútuo.

Paralelamente aos estudos na Universidade, segui com as minhas atividades na Capoeira que, além das aulas, rodas e eventos, envolvia participar de muitas reuniões e mobilizações coletivas. Em uma destas reuniões, realizada no Ponto de Cultura Africanamente, entre capoeiristas e representantes do IPHAN – Instituto do Patrimônio Humano Artístico Cultural Nacional, constatou-se que apesar de haver registros da presença da Capoeira em Porto Alegre desde o Século XIX, foi somente na década de 1970, com a chegada dos mestres: Cau, Vadinho, Índio, Monsueto, Cerqueira, Paulinho e Ferro Velho, que a Capoeira passou a ser ensinada e praticada em larga escala na cidade. Mestres estes que deixaram um legado de extrema importância através dos seus alunos e discípulos.

No desejo de obter maiores informações sobre estes mestres e entender como se deu o desenvolvimento da Capoeira neste período, optei por desenvolver esta pesquisa no meu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso. Pesquisa que foi realizada no primeiro semestre de 2019 e orientada pela Professora Doutora Raquel da Silveira, que sabiamente e pacientemente, me ajudou a articular as informações coletadas.

Em agosto de 2019, o trabalho foi apresentado à banca avaliadora da ESEFID – Escola Superior de Educação Física, Dança e Fisioterapia da UFRGS, obtendo a avaliação máxima e está disponível no site de banco de dados – LUME/UFRGS – para futuras consultas.

Com efeito, no final de 2021, integrantes do Ponto de Cultura Africanamente propuseram inscrever o meu TCC no Edital SEDAC nº 07/2021, Concurso FAC Patrimônio, promovido pela Secretaria Estadual de Cultura do Estado do Rio Grande do Sul. Proposta aceita. Foi apresentado, e aprovado em primeiro lugar, o projeto de publicar este livro com as histórias e as memórias dos mestres e capoeiristas que fizeram parte da implantação da capoeira em Porto Alegre.

Ademais, encerro esta apresentação, agradecendo a todas as pessoas envolvidas na produção deste livro, e na condição de um Mestre, que é continuidade deste legado deixado pelos que vieram antes, sinto-me honrado em poder colaborar na preservação e divulgação desta história, para que mais pessoas conheçam o processo de desenvolvimento desta cultura afro-brasileira no extremo sul do Brasil.

No mais desejo, a todos e todas, uma ótima leitura e muito treino.

Porto Alegre, RS, Brasil.
Fevereiro de 2023.



CAPÍTULO I

(OU DE COMO FOI REALIZADA A PESQUISA)

Mestre Guto

1) Busca de informações em trabalhos já realizados

O primeiro passo foi procurar informações nas produções acadêmicas, realizadas no Rio Grande do Sul, sobre a Capoeira ou que tinham como tema a História da Capoeira Gaúcha. Também procurei informações em livros, revistas, documentários, jornais e em sites. Na página do projeto “Angola POA”¹, escutei as entrevistas realizadas com lideranças da Capoeira Angola de Porto Alegre. Nos arquivos do projeto “Garimpendo memórias” do CEME² – Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da UFRGS, tive acesso a entrevistas realizadas por Ederson Dorneles³ com três mestres importantes na História da Capoeira Gaúcha. Após a leitura destas fontes, selecionei e analisei as informações que tinham relação com tema de minha investigação e cheguei à conclusão de que era necessário obter mais dados para poder compreender o início e desenvolvimento da capoeira em Porto Alegre.

2) Contatando capoeiristas antigos

O segundo passo consistiu em identificar pessoas com quem eu poderia saber mais sobre este momento, então, contatei alguns *mestres matrizes* e alguns *capoeiristas* que vivenciaram o período em questão para compreender, a partir de suas memórias e suas histórias, como se deu o desenvolvimento desta cultura em Porto Alegre.

1 O projeto Angola POA é um site que contém entrevistas gravadas em vídeos com os mestres e contramestres de Capoeira Angola que atuam em Porto Alegre.

2 O Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS foi implantado no final de 1996 e tem como missão de reconstruir, preservar e divulgar a memória do Esporte, Educação Física, Lazer e Dança no Rio Grande do Sul e no Brasil.

3 Capoeirista e acadêmico de Educação Física que faleceu precocemente.

Comecei por Mestre Índio, que estava na cidade participando de um evento do grupo Filhos de Oxóssi. Posteriormente falei com Mestre Cau, em sua casa, no balneário Pinhal/RS. Sobre os demais *mestres matrizes* – Vadinho, Cerqueira, Ferro Velho e Monsueto que já haviam falecido e sobre Mestre Paulinho que mora em Mato Grosso e poucas vezes vem à Porto Alegre – conversei com *capoeiristas* que foram seus alunos, pois a história de um Mestre deve ser continuada e preservada pelos seus discípulos. Desta forma, foram convidados para colaborar neste projeto:

Mestre Cau, que começou a ensinar em Porto Alegre em 1966.

Mestre Índio, que começou a ensinar em Porto Alegre em 1974.

Mestre Carson iniciou em 1979 com Mestre Paulinho.

Mestre Mano que iniciou em 1977 com Mestre Índio.

Mestre Fernando que iniciou em 1979 com Mestre Churrasco.

Contramestre Jacó que iniciou em 1978 com Mestre Cerqueira.

Professor Odon que iniciou em 1977 com Mestre Monsueto.

João Horácio que iniciou em 1978 com Mestre Índio.

Marcelo que iniciou em 1979 com Mestre Monsueto.

Para saber sobre o Mestre Vadinho eu utilizei partes das entrevistas fornecidas por Mestre Cau e partes das entrevistas fornecidas por Mestre Churrasco ao projeto Garimpendo Memórias do CEME/UFRGS e por Mestre Ratinho ao Projeto Angola POA. As informações sobre Mestre Ferro Velho foram extraídas das falas de Mestre Carson, Contramestre Jacó e Mestre Mano.

3) A escolha dos instrumentos de pesquisa

O terceiro passo exigiu decidir o método a ser utilizado para acessar as histórias e as lembranças das pessoas que fizeram parte deste processo. Então, optei por realizar entrevistas individuais, baseadas em um rotei-

ro composto por 14 (catorze) perguntas, que foram realizadas presencialmente e de forma oral.

4) Da realização das entrevistas

No quarto passo, após a leitura e anuência do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, foram realizadas as entrevistas que duraram em média 90 minutos. As perguntas serviram como guia, um mapa, a ser percorrido nas memórias dos entrevistados e permitiram obter pontos de vistas diferenciados sobre o mesmo tema. Os depoimentos foram gravados num celular através de microfone de lapela. Para a produção deste livro, os Mestres foram consultados e novamente entrevistados no segundo semestre de 2022.

5) A transcrição das entrevistas

O quinto passo, momento da transcrição das respostas entrevistados, se mostrou uma tarefa bem demorada e cansativa, porque consistiu em escutar e depois digitar o que estava gravado. Apesar da indicação de alguns amigos para que eu utilizasse um software que fizesse este serviço automaticamente, eu creio ter feito a escolha correta, pois, ao ouvir as entrevistas repetidas vezes, pude perceber detalhes que, anteriormente, não havia dado a atenção devida.

6) Da análise das informações

No sexto passo analisei as informações, destaquei as falas que se referiam especificamente ao período de minha investigação, comparei as respostas e organizei os dados por categorias relacionando-as com as perguntas.

7) Da elaboração do texto

O sétimo passo foi a construção de um texto, fundamentado nas informações obtidas nas entrevistas e nas pesquisas previamente realizadas, que é apresentado cronologicamente e organizado como uma

roda de conversa em que os entrevistados compartilham memórias e lembranças sobre os primeiros mestres, as academias, os parques onde aconteciam as Rodas de Capoeira, os objetivos dos batizados, os tipos de graduações, o perfil dos praticantes, entre outros temas que serão apresentados neste trabalho e que fazem parte do processo de início e desenvolvimento da Capoeira em Porto Alegre.

8) A apresentação do manuscrito aos Mestres

O oitavo e último passo foi apresentar aos Mestres o texto, para que eles fizessem as suas considerações, sugestões e propostas de mudança na organização das informações apresentadas no trabalho. Somente após esta etapa de anuência coletiva é que este projeto foi encaminhado para impressão.

CAPÍTULO II

TRABALHOS PESQUISADOS

Mestre Guto

Conforme apresentado no capítulo I, para realizar o trabalho de conclusão de curso que deu origem a este livro, uma das primeiras ações foi verificar o que já havia sido produzido de pesquisa sobre a história da capoeira em Porto Alegre. Para isso fiz uma busca utilizando as palavras: “capoeira”, “Porto Alegre”, “origem”, “desenvolvimento”, “história”, “mestres” e “cultura”, em sites que hospedam e disponibilizam trabalhos acadêmicos. Como resultados foram encontradas dezoito produções que, até o final do primeiro semestre de 2018, citavam ou relacionavam a prática da capoeira com a cidade de Porto Alegre.

O primeiro trabalho é uma dissertação de 1987, pela PUC/RS, em que o autor, Luiz Silva Santos, apresenta contribuições da capoeira no desenvolvimento psicomotor de crianças da 1ª Série do 1º Grau (atual Ensino Fundamental), a partir da sua inserção nas aulas de Educação Física. O autor usou como referência, o histórico da capoeira nas cidades de Salvador/BA e Rio de Janeiro/RJ, não havendo nenhuma alusão a história da capoeira em Porto Alegre.

Três anos mais tarde, em 1990, Anselmo Accurso, produziu o trabalho “Capoeira, um instrumento de Educação Popular” como resultado da sua Pós-Graduação em Educação Popular pela UNISINOS. Nesta produção, Anselmo declara que a prática de Capoeira leva o indivíduo a construir uma consciência cidadã. Na introdução do tema, o autor informa que sua iniciação na Capoeira aconteceu na metade da década de 1970 na cidade de Porto Alegre com o baiano Vadinho na ACM – Associação Cristã de Moços.

Em 2007, após uma lacuna de 17 anos, a Capoeira volta a estar presente nas produções científicas locais, com a Dissertação de Mestrado de Jorge Luiz Teixeira da Silva, pela EST – Escola Superior de Teologia, sobre Capoeira e identidade, onde o autor, utilizando-se de entrevistas analisa o impacto da Capoeira na construção identitária de crianças negras de um

bairro periférico de Porto Alegre. Neste mesmo ano, Carson Siega, também pela EST – Escola Superior de Teologia apresenta sua Dissertação de Mestrado intitulada “Capoeira, corpo e espiritualidade: as percepções de corpo, ethos e visão de mundo de crianças praticantes de Capoeira”.

No ano de 2010 diversas produções foram realizadas. A começar com Adélia Costa, que em seu Trabalho de Conclusão de Curso em Educação Física pela UFRGS, realizou um estudo sobre a prática de Capoeira com pessoas portadoras de deficiência física e mental em uma escola de Educação Especial da cidade de Porto Alegre. Na área da Pedagogia, Simone Ribeiro, em seu Trabalho de Conclusão de Curso pela UFRGS, traz um relato de experiência sobre a Capoeira enquanto uma ferramenta construtiva de autonomia para crianças do 4º Ano de uma escola estadual, localizada na cidade de Porto Alegre. Já Heloisa Gravina, em sua Tese de Doutorado em Antropologia, também pela UFRGS, retrata a sua experiência em grupos de capoeira na cidade de Porto Alegre/RS, Salvador/BA e Marseille na França. Por fim, Marco Poglia em sua Monografia no curso de Antropologia da UFRGS, descreve as suas vivências e a rotina de um grupo de capoeira de Porto Alegre, buscando entender a filosofia e os processos de subjetivação do ser capoeirista.

Em 2011, no seu Trabalho de Conclusão de Curso em Educação Física pela UFRGS, Ederson Dornelles compartilha informações sobre três experientes mestres: Mestre Churrasco, Mestre Nino e Mestre Monsueto.

Silvio Batista em 2012, na conclusão da sua graduação em Letras pela UFRGS, realizou um trabalho buscando compreender os motivos que levam diferentes pessoas e de diferentes lugares à treinar Capoeira. Neste mesmo ano Paulo Perkov, pela Universidade do Vale dos Sinos, em sua Dissertação de Mestrado apresenta a Capoeira como uma prática de Educação Emancipatória junto a jovens de classes populares, a partir de um estudo de campo numa Escola Municipal de Porto Alegre/RS. Em 2013, Viviane Barbosa, no seu Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia pela UFRGS, propõe a Capoeira como uma possibilidade educacional voltada à formação integral do estudante e à aplicação da Lei nº 10.639/2003. Em 2014, Fernando Placedino, pela PUC/RS, em sua Dissertação de Mestrado em Educação, traz a Capoeira como uma possibilidade de educação ético-estética, voltada a construção do respeito a pluralidade e a alteridade. Também

em 2014, Marco Pogleia, em sua Dissertação de Mestrado em Antropologia pela UFF – Universidade Federal Fluminense do Rio de Janeiro, analisa as relações internas do grupo que serviu como fonte para sua monografia em Porto Alegre.

Em 2016, Érico Carvalho Jr, no seu Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais pela UFRGS analisou, a partir da convivência em um grupo de Porto Alegre, a relação da Capoeira e dos capoeiristas com a religiosidade. Em 2017 a Dissertação de Mestrado de Viviane Barbosa pela UFRGS, traz experiências e singularidades vividas por algumas capoeiristas em relação ao potencial educativo da Capoeira em suas vidas. Nas entrevistas são citados alguns grupos e locais de prática de Capoeira em Porto Alegre. Neste mesmo ano, Maíra Lopes de Araújo produz sua Dissertação de Mestrado em Educação Física pela UFRGS, a partir de um estudo de caso onde investiga os efeitos político-pedagógicos produzidos pela prática da Capoeira no contexto escolar. Ainda em 2017, em seu Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Museologia da UFRGS, Sabrina Medeiros, reflete sobre a Capoeira enquanto patrimônio cultural e o entrelaçamento dos conceitos de identidade e gênero.

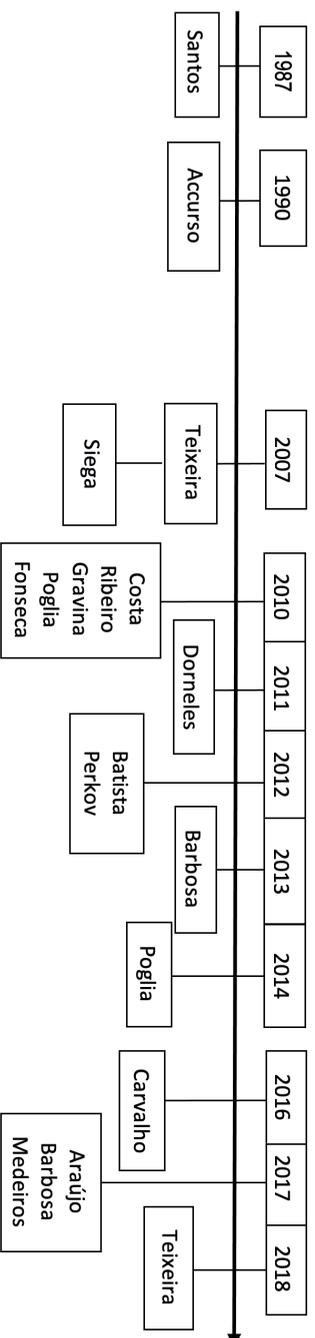
Por fim, em 2018, temos o Trabalho de Conclusão de Curso em Letras pela UFRGS de Lucas Teixeira, onde propõe um projeto pedagógico para aulas de Ciências da Linguagem com a Capoeira como eixo temático, a partir do estudo de canções, poemas e crônicas que dialogam com o universo dessa arte.

No site Angola POA¹, escutei as entrevistas realizadas com lideranças da capoeira de Porto Alegre. Nos arquivos do projeto Garimpendo Memórias do CEME² – Centro de Memória do Esporte da ESEFID/UFRGS, acessei a íntegra das entrevistas realizadas por Ederson Dorneles com três mestres importantes na história da Capoeira gaúcha. Assisti ao Programa Nação da TVE, disponível no Youtube, sobre a história da Capoeira no RS.

1 O projeto Angola POA é um site que contém entrevistas gravadas em vídeos com os mestres e contramestres de Capoeira Angola que atuam em Porto Alegre.

2 O Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS foi implantado no final de 1996 e tem como missão de reconstruir, preservar e divulgar a memória do Esporte, da Educação Física, do Lazer e da Dança no Rio Grande do Sul e no Brasil.

Figura 1 : Linha do tempo, situando os autores, seus estudos e pesquisas localizados no decorrer da produção da presente obra.



CAPÍTULO III

MESTRES E CAPOEIRISTAS ENTREVISTADOS

Mestre Guto

MESTRE CAU (ENRI CARLOS XAVIER DA SILVA)



Nasceu em Santa Maria/RS, no ano de 1945. Em 1960 sua família mudou-se para o Rio de Janeiro, onde, aos 14 anos de idade, começou a aprender Capoeira com um vizinho. Retornou à Porto Alegre em 1966 e passou a ensinar capoeira para amigos e parentes. Com o tempo os alunos foram aumentando e o Mestre seguiu compartilhando seus conhecimentos em clubes e academias da cidade.

Na metade dos anos de 1970, para dedicar mais tempo à sua família, Mestre Cau parou de dar aulas. Atualmente mora no litoral e recebe diversos capoeiristas e pesquisadores que lhe procuram para conhecer a história da capoeira no Rio Grande do Sul.

*O Capoeirista tem que ter ginga.
A ginga é a maior arma do Capoeira.*

Mestre Cau

MESTRE ÍNDIO (MANOEL OLÍMPIO DOS SANTOS)



Nasceu em 1950, na Ilha de Bom Jesus dos Passos/BA. Conheceu a Capoeira, ainda criança, com seu pai. Foi morar em Salvador em 1964 e lá iniciou a aprender com Mestre Pelé da Bomba. Logo cedo começou a fazer apresentações e shows de Capoeira em diversas partes do Brasil e também no exterior. É

fundador do Grupo de Capoeira Oxóssi que possui núcleos de ensino em vários países. Aos 72 anos de idade continua ensinando e participando de eventos de capoeira. Mestre Índio é uma das matrizes da Capoeira do RS.

Eu não sou mais mestre de Capoeira, eu sou a história da Capoeira, eu me sinto agora mais uma história da Capoeira do que um mestre de Capoeira, é claro que eu vou morrer mestre também, mais eu agora me considero assim, história.

Mestre Índio

MESTRE MANO (LUIS INÁCIO RODRIGUES DA FONTE)



Nasceu em 1958 na cidade de Porto Alegre. Teve o seu primeiro contato com a Capoeira em 1977 com Mestre Índio no Petrópolis Tênis Clube, porém somente em 1979 que iniciou a treinar com o Mestre, no IPA. Em 1982 criou a Associação de Capoeira Filhos da Vivência sob a supervisão de Mestre Canhão de Bimba (Augusto Salvador Brito) da

Associação K-poeira e, a partir daí, o RS passou a ter um representante legítimo da Capoeira Regional, preservando e divulgando a metodologia de ensino e fundamentos de Mestre Bimba. Mestre Mano e seus discípulos mantêm o Grupo Filhos da Vivência até os dias de hoje, realizando eventos, batizados e encontros visando à qualificação dos capoeiristas. É o idealizador da Casa do Capoeira.

Tu ser capoeira é um modo de vida. Tu está caminhando na rua, está sendo um capoeira. Tu está andando no ônibus, está sendo um capoeira. Em qualquer lugar que tu vá, está sendo capoeira.

Mestre Mano

MESTRE FERNANDO (FERNANDO BRAGA)



Nasceu em 1957. Iniciou na Capoeira com Mestre Churrasco em 1979. Anos depois passou a integrar o Grupo Cativeiro onde seguiu treinando com Mestre Miguel Machado. Deu aulas em diversos lugares da cidade e formou vários capoeiristas. Atualmente está afastado da Capoeira, mas mantém contato com seus ex-alunos e discípulos.

Tu tens que aprender com a Capoeira, tem que entender o seguinte: por melhor que tu seja, sempre tem um melhor. Tu tens que ter humildade, porque vai chegar o momento que um cara que vai jogar contigo de igual pra igual e até melhor. Tu tens que aprender isso.
Mestre Fernando

CONTRAMESTRE JACÓ (JACÓ ANTÔNIO CUSTODIO REIS)



Nasceu em Porto Alegre, em 1962. Começou a treinar em 1978 com Mestre Cerqueira na Academia Kidokan, sendo um dos seus primeiros alunos. Em 1983 integrou a equipe gaúcha, vice-campeã do “III Troféu Brasil de Capoeira” realizado em São Paulo. Em 1985 recebeu a graduação de Contramestre. Criou o Grupo Capoeirando, formando vários capoeiristas que ainda estão na ativa. Não ministra mais aulas, mas eventualmente, participa de eventos e batizados dos camaradas da antiga.

Um aprendizado que levei é saber que antes de mim veio alguém e, que essa pessoa eu tenho que respeitar, essa pessoa tem que ser dado o valor, por menos que ela tenha contribuído, ela abriu a porta para eu entrar, portanto, tem que ser respeitada, valorizada.
Contramestre Jacó

MESTRE CARSON (CARSON SIEGA)



Nasceu em 1958, em Porto Alegre. Aos 20 anos, em 1978 Iniciou na Capoeira com Mestre Ratinho, mas logo em seguida, em 1979, passou a treinar com Mestre Paulinho do Grupo Muzenza, onde permanece até os dias de hoje. Foi um dos precursores, em Porto Alegre, no ensino da Capoeira nas escolas e também o primeiro mestre no RS a ministrar a disciplina de Capoeira na Universidade. Atualmente segue dando aulas e participando de eventos e batizados.

Registros sobre a História da Humanidade são fundamentais para que possamos entender os contextos de cada época. Ao visitarmos o passado, em seus vários pontos de vista, poderemos entender o presente e projetar o futuro.

Mestre Carson

PROFESSOR ODON (ODON VIANA)



Nasceu em 1954. Começou a treinar com Mestre Monsueto em 1977 na Academia Kidokan e em 1978 seguiu sua aprendizagem com Mestre Cerqueira, sendo um dos seus primeiros alunos. Durante muitos anos ministrou aulas ao lado de Mestre Cerqueira e do contramestre Jacó. Atualmente está afastado dos treinos, mas, de vez em quando, se reúne com aos amigos da antiga para relembrar os bons momentos.

Acho de suma importância um livro, é muito importante todo e qualquer relato sobre a Capoeira do Rio Grande do Sul, onde a gente tem uma história vasta de grandes profissionais e de grandes mestres que vieram pra cá deixar um grande legado.

Professor Odon

MARCELINHO (MARCELO FREITAS DOS SANTOS)



Nasceu em 1967. Iniciou na Capoeira em 1979 com Mestre Monsueto na Academia do Grupo Muzenza. Depois passou a treinar no Grupo Cativoiro onde permaneceu por muitos anos. Participou de diversos batizados e conheceu vários mestres da velha guarda. Acompanha os trabalhos da Africanamente Escola de Capoeira Angola e, apesar de não estar treinando rotineiramente, participa de rodas e eventos realizados pelos camaradas.

A Capoeira nunca sai de dentro de ti, na tua vida tu joga Capoeira a todo o momento. Na dificuldade, nos problemas, eu procuro refúgio na Capoeira. Quando tu está treinando, tu tem auto confiança. Tu se sente melhor contigo mesmo. Mas é tomando “as ruins” que a gente vai aprendendo. O cara tem que ter recurso. Tem que ver a tua dificuldade e treinar todo dia.

Marcelinho

JOÃO HORÁCIO (JOÃO HORÁCIO COSTA BORGES)



Nasceu em 1957. Iniciou em 1978 com Mestre Índio na Academia da Galeria do Rosário. Em sua trajetória participou dos grupos Filhos de Oxossi (Mestre Índio), Macanudos do Berimbau (formado por Eduardo Toreli), Grupo Cativoiro (Mestre Miguel), Grupo Iuna (Mestre Primo) e GCAP (Mestre Moraes). Ensina Capoeira voluntariamente em projetos sociais na cidade de Santa Maria/RS e continua participando de rodas e eventos.

A afirmação da Capoeira em nosso estado começou na década de 1970 e contar a nossa história mesmo com contradições é fundamental para entendermos o que somos hoje e construirmos os caminhos para futuro.

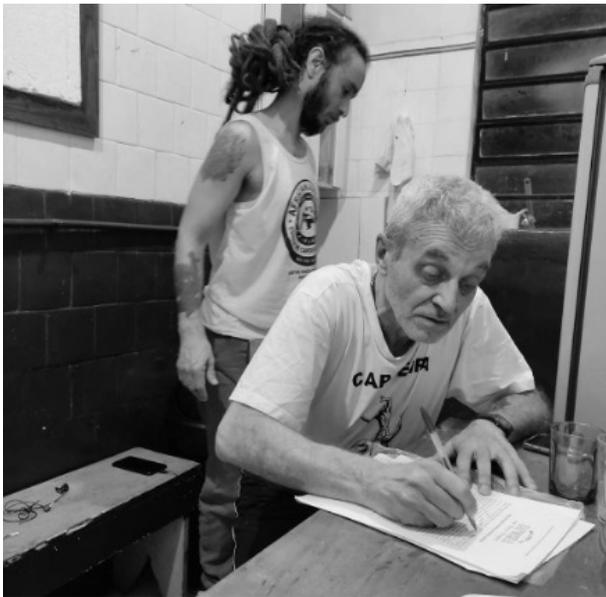
João Horácio

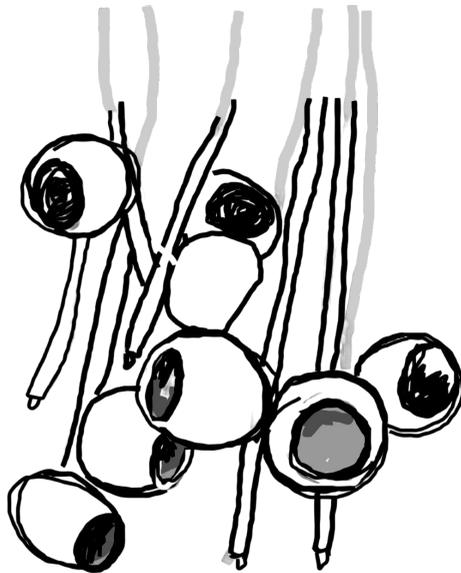
FOTOS DAS ENTREVISTAS











CAPÍTULO IV

COMO A CAPOEIRA CHEGOU AO SUL DO BRASIL

Mestre Guto
Contramestre Jacó
Mestre Carson

A Capoeira é uma manifestação cultural de origem africana desenvolvida no Brasil, como uma forma de lutar e resistir ao processo de escravidão durante o período colonial. É composta por elementos que envolvem luta, dança, brincadeira, música, teatralidade, filosofia e ancestralidade, manifestada e preservada pelo corpo, que ginga, que baila, que defende, ataca, que joga e negaceia, aos sons dos pandeiros e berimbaus.

A prática da Capoeira foi reprimida durante a escravidão, criminalizada na República através do Artigo 402 do Código Penal Brasileiro de 1890 e reconhecida como esporte nacional em 1972 pelo MEC – Ministério de Educação e Cultura através do Conselho Nacional de desportos. Em 2008 foi tombada como patrimônio imaterial cultural do Brasil pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Humano Artístico Nacional e em 2014 tornou-se patrimônio da humanidade conforme a UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

Com presença marcante, desde séculos passados, nas cidades portuárias como Rio de Janeiro, Salvador e Recife, aonde chegaram grandes levas de pessoas escravizadas (IPHAN, 2007), a Capoeira, **a partir da década de 1950 passou a ser amplamente praticada na Região Sudeste**, principalmente nas cidades do Rio de Janeiro, que já tinha uma relação histórica com a Capoeira desde os tempos da Monarquia, e em São Paulo, que na época era uma cidade em grande desenvolvimento, que atraía várias pessoas do Nordeste em busca de melhores condições de vida. Neste contingente, muitos eram baianos capoeiristas, que ao chegarem nestes locais percebiam um sentimento de aceitação e valorização da Capoeira, às vezes como prática esportiva e outras vezes como manifestação folclórica da cultura negra baiana, potencializada

pelo movimento de esportivização da Capoeira e pelo crescente mercado de turismo interno.

Ao longo das décadas de 60 e 70, no bojo do fluxo migratório norte-sul, vieram para São Paulo muitos capoeiristas baianos que aqui se fixaram. Aos poucos, alguns deles, disputando a mesma fatia do mercado recentemente aberto às artes marciais, abririam academias de capoeira na cidade (REIS, 1997, p. 157).

Este movimento de **expansão** chegou a **terras gaúchas**, mais precisamente em Porto Alegre, no **final dos anos de 1960** e se intensificou **durante a década de 1970**, com a chegada de Mestres¹ vindos de outros Estados, como Rio de Janeiro, Bahia, Paraná e Mato Grosso.

Porto Alegre é a capital do Estado mais ao Sul do Brasil, fundada oficialmente em 1772 por colonizadores portugueses, possui uma área de quase 500 km² e, atualmente, uma população em torno de um milhão e quinhentos mil habitantes, que se concentram predominantemente nos bairros próximos ao centro da cidade.

Nesta cidade, assim como em outras, os mestres começaram a ensinar Capoeira, adaptando os sistemas de aprendizagens, até então, baseados nas culturas populares, para um sistema de ensino, mais próximo das aulas de Educação Física, que envolvia ministrar aulas para diversas pessoas simultaneamente, com um tempo pré-estabelecido e em locais específicos para atividades corporais, como academias de ginásticas e de lutas, clubes esportivos e ginásios de centros universitários e faculdades.

Como resultado, a **Capoeira** deixou de estar presente somente nos boletins de ocorrências policiais ou em crônicas literárias sobre culturas marginalizadas e **passou a ser** considerada uma **prática cotidiana**, que envolvia principalmente um público jovem, ocupando parques e praças da cidade, sem a interferência ou repressão policial.

Inclusive nós pegamos uma parte da capoeira que era demonstrar a arte, o único grupo a se apresentar no Leopoldina Juvenil² para o top 10 de lá, fomos nós. Nós fomos um dos primeiros grupos

1 Neste trabalho todos os capoeiristas que fizeram parte do processo de implantação da capoeira em Porto Alegre são considerados e tratados como mestres.

2 Associação Leopoldina Juvenil, um clube fundado em 1863 na cidade de Porto Alegre e frequentado por pessoas de classe alta.

a ir para um estúdio de televisão, fazer um show aqui em Porto Alegre, ou seja, nós criamos uma forma de demonstrar para a sociedade que aquele esporte que estava chegando podia mudar várias coisas.

Professor Odon

Mas eu acredito que a capoeira no Rio Grande do Sul, nesta fase mais moderna, não tenha mais que 50 anos.

Mestre Carson

Capoeira moderna ou fase moderna é como alguns mestres definem este momento, potencializado nas décadas de 1960 e 1970, em que a Capoeira deixou de ser uma prática isolada, eventual e entrou na rotina da cidade, com abertura de turmas de ensino, estruturação de grupos, padronização de critérios avaliativos e formação de novos multiplicadores.



CAPÍTULO U

MESTRES MATRIZES: CAPOEIRISTAS RESPONSÁVEIS PELA IMPLANTAÇÃO DA CAPOEIRA EM PORTO ALEGRE

Mestre Guto
Mestre Cau
Mestre Índio
Mestre Carson
Contramestre Jacó
Mestre Mano
Mestre Fernando
Professor Odon
João Horácio

Henri Carlos Xavier da Silva, conhecido como **Mestre Cau**, gaúcho, da cidade de Santa Maria, é quem deu a primeira contribuição para esta fase moderna da Capoeira em Porto Alegre, ao retornar em **1966**, do Rio de Janeiro.



Eu aprendi capoeira aos 14 anos, quando fui morar no Rio de Janeiro. Comecei com um amigo do prédio, depois aprendi e joguei em diversos locais, inclusive na Mangueira. Em 1966, descontente com o serviço militar, voltei para o Rio Grande do Sul. Quando eu cheguei do Rio, eu comecei a dar aula para meu irmão, meu primo e mais uns amigos num terreno baldio, num campinho, atrás do clube Erechim, atual Nonoai Tênis Clube, onde eu ia dançar nos finais de semana. Depois ensinei em vários lugares, como na academia Rui Barbosa. Quando eu cheguei aqui não existia Capoeira.

Eu fui o primeiro a ensinar.

Mestre Cau

Mestre Cau deu aulas em diversos clubes e academias, teve diversas profissões, foi avaliador de seguros, radialista, piloto de motociclismo e vendedor de caminhões, aliás, esta última função, talvez seja

o motivo da confusão, onde muito dos entrevistados o identificavam equivocadamente como um caminhoneiro que havia aprendido capoeira através de suas viagens pelo Brasil. Mestre Mano (2019) reforça esta informação sobre o fato de Mestre Cau ser mais antigo no ensino da Capoeira em Porto Alegre.

Tenho poucas informações sobre Mestre Mestre Cau, mas eu soube que ele era caminhoneiro. Então assim, isso é uma coisa anterior a vinda dos Mestres Índio e Paulinho, destas duas vertentes de Capoeira.

Mestre Mano

Dos vários lugares que Mestre Cau deu aulas, a Academia Rui Barbosa, uma academia de artes marciais, administrada pelo Seu Nei¹, localizada na Rua Riachuelo, quase esquina com a Rua Caldas Junior, é o local mais lembrado pelos entrevistados. Em depoimento concedido a Ederson Dornelles² para o Projeto Garimpendo Memórias, Mestre Churrasco³ relatou que nesta Academia, em 1972, ele iniciou a aprender Capoeira com Mestre Cau e lá ficou até 1976, quando o mestre parou de dar aulas. Atualmente Mestre Cau vive no Litoral Norte do RS, onde recebe capoeiristas e pesquisadores que buscam saber as histórias do início da Capoeira gaúcha.

No início dos anos 1970, da Bahia, chegou **Mestre Vadinho** a Porto Alegre para ser ogã⁴ no terreiro de Candomblé da Yalorixá⁵ Mãezinha da Bahia, situado no bairro Teresópolis. Neste local ele fez amizade com Mestre Cau, que lhe convidou para dar aulas de capoeira na ACM⁶ – Associação Cristã de Moços.

O Vadinho veio para Porto Alegre para tocar atabaque na casa da Mãe Mãezinha da Bahia e ficou muito meu amigo, para onde eu

1 Nei Albuquerque, foi um grande entusiasta das lutas e proprietário da Academia Rui Barbosa.

2 Ederson Alberto Teixeira Dornelles, capoeirista, dançarino e acadêmico de Educação Física, que faleceu precocemente em 2017, com 36 anos.

3 Jean Cléber Batiste Teixeira, Mestre Churrasco, é o capoeirista mais antigo do RS que ainda está em atividade. Teve uma participação importante no processo de implantação da Capoeira em Porto Alegre nos anos 1970, porém o mesmo, não se considera uma matriz, tendo em vista que ele iniciou a sua aprendizagem com Mestre Cau.

4 Ogã, título atribuído às pessoas responsáveis por tocar os atabaques nos terreiros de Candomblé.

5 Título atribuído às sacerdotisas das religiões de matriz africana (Iorubá) no Brasil.

6 A ACM foi fundada em 1844 em Londres e em 1901 começou a atuar em Porto Alegre.

ia, ele ia junto e quem ensinou capoeira pra ele foi eu. Ai eu pedi pra ele me substituir na ACM porque eu tive que trabalhar.

Mestre Cau

Foi na ACM, conforme contou ao Projeto Angola POA, que Mestre Ratinho⁷ em 1974 iniciou a aprender Capoeira, após ter sido informado por um amigo, que havia visto a matéria de um jornal local, que estava sendo aberto este novo curso na ACM.



Mestre Carson, na entrevista fornecida para este trabalho, também lembra sobre as aulas com Mestre Vadinho neste local e Mestre Índio que conhecia Mestre Vadinho, de Salvador, reforça a ligação do mesmo com o candomblé.

Então uma vez o Ratinho falou que tinha Capoeira na ACM e eu fui lá e fiz uma aula com o Vadinho. Depois eu fui saber que o Vadinho não era mestre, mas era um baiano, e como pouca gente conhecia a Capoeira aqui, ele atraiu a atenção da galera.

Mestre Carson

Eu fazia parte do conjunto Viva Bahia da Emilia Biancardi⁸ e também me apresentava na Tenda dos Milagres, onde tocava o Vadinho, pai de santo e não capoeirista.

Mestre Índio

Mestre Vadinho ficou alguns anos em Porto Alegre, depois voltou para Salvador. Ele faleceu em 1979, na Alemanha, durante uma temporada de shows folclóricos pela Europa.

⁷ Anselmo Accurso, um dos capoeiristas mais antigos do RS e ainda em atividade.

⁸ Folclorista, etnomusicóloga, especialista nas manifestações tradicionais da Bahia, é fundadora do grupo folclórico Viva Bahia.



Mestre Índio, apelido do baiano, **Manoel Olímpio de Souza**, afirma que veio pela primeira ao Sul do Brasil por volta de **1969/1970**, para fazer apresentações de Capoeira em casas noturnas de Porto Alegre, Canoas, Santa Maria e Caxias do Sul.

*Um dia eu fui para Santos, São Paulo, e numa apresentação que eu fiz, veio um cantor, chamado Gilberto, que era gaúcho e disse:
Rapaz, o show de vocês é muito bom,
querem fazer numa boate,
no Rio Grande do Sul?*
Mestre Índio

Durante alguns anos, Mestre Índio, manteve um fluxo de viagens entre Rio Grande do Sul, Bahia e Europa, pois também fazia apresentações na casa de shows Tenda dos Milagres⁹ em Salvador, além de fazer parte do grupo folclórico Viva Bahia¹⁰, que realizava excursões anualmente para o exterior. Mestre Mano lembra que, às vezes, o Mestre levava alguns alunos para ajudar nas apresentações.

Ele vinha para fazer shows de capoeira no Dragão Verde¹¹, Gruta Azul¹², nestas boates. [...] O Zebrinha ia com Mestre Índio fazer shows e, o Mestre Índio, ele dava uns saltos muito bonitos.
Mestre Mano

Esta rotina se manteve, até que em **1974**, após a realização de um show, o Mestre foi convidado por um sócio do **Petrópolis Tênis Clube**¹³, para dar aulas de Capoeira. O convite foi aceito, Mestre Índio

9 Restaurante localizado na Orla de Salvador que nos anos 70 recebia muitos turistas para assistir aos shows folclóricos.

10 É o primeiro e mais importante Grupo folclórico, foi fundado em 1962 por Emilia Biancardi e fez diversas apresentações no Brasil e no exterior.

11 Boate que funcionou até 1980 na Av. Farrapos esquina com Rua Ernesto Alves, foi palco para muitos artistas e tinha em sua fachada a famosa figura do Dragão Verde em neon.

12 Famosa na década de 1980, na Av. Farrapos, era lugar de shows nacionais e internacionais, após um incêndio, passou a funcionar na Rua Gaspar Martins, onde está até hoje.

13 Tradicional clube da cidade fundado em 1941, localizado no bairro Petrópolis.

iniciou suas aulas para um grupo de 20 alunos e a cada semana aumentava o número de participantes, exigindo com que o Mestre permanecesse por cerca de um ano em Porto Alegre, para firmar as raízes do grupo Filhos de Oxóssi¹⁴, retornando em 1975 à Bahia para cumprir as demandas dos shows. Mestre Índio também lembra que quando iniciou as aulas no Petrópolis Tênis Clube, já havia em Porto Alegre, dois trabalhos de capoeira acontecendo, o de Mestre Cau e de Mestre Vadinho.

Em 74, aí um dia, tinha um rapaz que era empresário, chamava Garrado, encantado com o espetáculo que eu fazia, perguntou se eu dava aula para o filho dele. Aí eu respondi: Bom dar aula não é o caso, eu quero saber onde? Ele disse, sou sócio do Clube Petrópolis e arrumo uma sala lá do clube para você dar aula. Tinha muito aluno, cheguei a dar aula aqui para 200 alunos naquele tempo, nem viajar eu queria mais. Fui procurar um lugar, onde diziam que tinha capoeira aqui, cheguei lá encontrei quem? Um neguinho com um gorro vermelho, era o Churrasquinho. Aí eu cheguei lá e eles estavam lá, Cau e Vadinho.

Mestre Índio



No mesmo ano de **1974**, após ficar um tempo em Curitiba, chegou o carioca **Annilson de Souza (Mestre Monsueto)**, para ministrar aulas de Caratê numa academia chamada Kidokan¹⁵. Função que ele desempenhou, exclusivamente, até que o proprietário Petrucio Chalegre¹⁶, ao descobrir que o Mestre, além de ser faixa preta de Caratê, era também Mestre de Capoeira, pediu que ele ministrasse aulas de Capoeira em dias alternados as aulas de Caratê.

14 É o nome do grupo de Capoeira fundado por Mestre Índio em 1969 em Salvador/BA.

15 Academia Kidokan é uma das primeiras academias a ter aulas de Capoeira em Porto Alegre, famosa nos anos de 1970 e 1980, encerrou suas atividades no final dos anos de 1990.

16 Petrucio Chalegre gerente da academia Kidokan.

Mestre Souza dava aula na Kidokan. Ele dava aula de Caratê, com quimono e tudo, mas também fazia Capoeira, ele dava aula de Capoeira lá. Assim, o que eu lembro desta época, é que ele não tinha grupo.

Mestre Mano

Mestre Monsueto ficou na cidade, seu trabalho se consolidou e ele passou a ser uma das referências em Porto Alegre. Posteriormente ele fundou o Grupo de Capoeira Casa Grande. Em junho de 2015, com 63 anos, devido a complicações cardíacas, o Mestre faleceu na cidade de Viamão/RS.

Em **1976**, quando Mestre Cau parou de dar aulas e deixou a Academia Rui Barbosa, **Mestre Churrasco começou a ensinar** Capoeira para um grupo de jovens no quintal de sua casa, localizado na Vila Mato Sampaio – bairro Bom Jesus, na periferia da cidade.

Eu sempre gostei muito de exercício, aí comecei a trabalhar e fiquei sem tempo para fazer exercício. Aí meu cunhado me disse: pô cara, tem um negão ensinando Capoeira de graça aí no Sampaio. Aí eu comecei a treinar lá. Eu chegava do serviço botava um calção e ia lá pro Sampaio, ficava bem no meio do Sampaio, que era o Churrasquinho.

Mestre Fernando

Mestre Churrasco, apesar da sua imensa contribuição ao desenvolvimento da Capoeira nos anos de 1970, não se considera um mestre matriz, pois entende que seu trabalho é continuação dos ensinamentos obtidos com Mestre Cau. Atualmente é morador da cidade de Caxias do Sul e continua ensinando, fazendo berimbaus e participando de diversos eventos de Capoeira.

Em **1977**, Mestre Índio retornou à Porto Alegre e assumiu a Academia Rui Barbosa no lugar de Mestre Cau, mas por pouco tempo, pois logo em seguida abriu seu próprio espaço de ensino, na Rua Marechal Floriano esquina com a Rua Otávio Rocha, no centro da cidade. Inclusive foi neste local que João Horácio Borges começou a aprender Capoeira com Mestre Índio.

Eu dei aula na Budokan¹⁷, dei aula no Seu Nei Albuquerque, que depois que Cau largou mais Vadinho. Depois abri minha própria Academia ali na galeria, ao lado da Galeria do Rosário¹⁸, eu tinha um salão ali, próprio, onde era cheio.

Mestre Índio

A Academia era no centro da cidade, numa galeria, num prédio que estava inacabado, que, aliás, continua inacabado até hoje, na Galeria do Rosário, na época a gente entrava por um corredorzinho e subia as escadas, com os vãos abertos, até o 3º andar, onde ele montou a casa dele e a Academia.

João Horácio

Lá o Mestre ficou até quando foi convidado para ir dar aulas na Academia Mudança¹⁹, uma Academia de classe média e com valores de mensalidades mais elevados do que os cobrados na Academia do centro. Mestre Índio também deu aulas no IPA²⁰ – Instituto Metodista de Porto Alegre e foi o primeiro Mestre de Capoeira a fazer um trabalho dentro de uma Universidade de Porto Alegre.

O Mestre passou a ser bastante conhecido e passou a ser requisitado para outros ambientes e surgiu um convite para que ele fosse dar suas aulas numa Academia, chamada Mudança e nesta época ele fez uma triagem, pois a maioria dos alunos dele não tinha poder aquisitivo e neste local ele precisava de pessoas que tivessem condições de pagar a Academia, daí era, era outro nível e eu sei que eu acabei dançando, acabei ficando fora.

João Horácio

17 Academia Budokan era localizada na Rua Siqueira Campos, no centro da cidade.

18 A Galeria do Rosário é um local de muita movimentação e possui diversas lojas que vendem perfumes e equipamentos eletrônicos.

19 Academia de dança e ginástica fundada no final dos anos de 1970, na Avenida Independência, voltada ao público classe média e alta.

20 O Centro Universitário Metodista – IPA é uma instituição de educação superior privada, comunitária, confessional, com sede na cidade de Porto Alegre, mantida pela Igreja Metodista e fundada em 1971.

Quem me levou pra lá foram os próprios alunos da Educação Física, que me apresentaram o gestor. Ele apoiou a Capoeira lá dentro, mas ele não ajudava a. E como eu tinha muito lugar para dar aula, terminei eu saindo de lá.

Mestre Índio

Comecei a treinar Capoeira com Mestre Índio na Faculdade de Educação Física do IPA, eu estava cursando a Faculdade lá. Eu e um grupo de colegas, de amigos, treinávamos, porque o Mestre Índio ele era um capoeirista excelente. Eu era presidente do Diretório Acadêmico, então tinha uns momentos que ele não podia ir dar as aulas, e aí eu acabei assumindo. Lá foi o início da Capoeira dentro de uma Universidade em Porto Alegre.

Mestre Mano

Atualmente, Mestre Índio, continua à frente do Grupo Oxóssi e mantém uma rotina de viagens que incluem Salvador, Porto Alegre e países do MERCOSUL e Europa.



Em **1978, Edson Cerqueira Frias**, mais conhecido como **Mestre Cerqueira**, colega de Mestre Monsueto no CPC – Centro Paranaense de Capoeira, veio para Porto Alegre para ajudar atender à crescente demanda de pessoas que queriam fazer aulas de Capoeira na Academia Kidokan. Mestre Cerqueira, era baiano da cidade de Brumadinho, mas antes de vir para Porto Alegre estava morando em Curitiba. Contra-mestre Jacó que treinava com Mestre Monsueto, lembra com detalhes o dia que conheceu Mestre Cerqueira e resolveu ser seu aluno.

Mestre Souza²¹ disse que ia apresentar um Contramestre que ia fazer uma demonstração de saltos e eu te digo assim, com toda

21 É outro nome utilizado para se referir a Mestre Monsueto.

certeza, nestes 40 anos envolvidos com capoeira, eu não vi ninguém com a meia lua mais rápida que o Cerqueira. Ele treinava com uns pesos nas pernas, eu treinei também. Então ele era muito rápido, muito rápido, dando salto, deu aula lá de saltos, aquela coisa e fiquei olhando e pensei, é aí que eu vou.

Contramestre Jacó

O Mestre Cerqueira sempre foi um cara muito quieto, nunca foi de falar muito, ele nunca se expôs muito, eu não me lembro do nome do grupo dele, nunca ouvi saber, se ele tivesse um grupo com o nome tal. Eu sabia que ele tinha bons alunos.

Mestre Mano

Após um tempo, Mestre Monsueto entrou em divergência com o dono da Academia e foi dar aulas em uma academia concorrente, a Academia Budokan, também no centro da cidade. Mestre Cerqueira então assumiu as aulas de Capoeira na Kidokan e lá ficou por muitos anos, inclusive realizando diversos batizados que reuniram Mestres de Capoeira da cidade e de outros Estados.

Eu não sei por que que Mestre Souza saiu, ele se desentendeu com Chalegre, não sei, e saiu e o Mestre Cerqueira ficou.

Contramestre Jacó

Mestre Cerqueira continuou residindo em Porto Alegre e nos anos de 1990 fundou o Grupo de Capoeira Conesul, formando vários alunos e discípulos que dão continuidade aos seus ensinamentos. Em janeiro de 2016 o mestre faleceu em virtude de um câncer.



Mais no final de **1978**, após morar um tempo em Curitiba, chegou a Porto Alegre, para estudar na UNISINOS²², **Mestre Paulinho** do Grupo Muzenza. Inicialmente ele deu aulas, após a saída de Mestre Índio, na Academia Rui Barbosa e ficou neste local durante alguns meses, quando abriu a sua própria academia, na Rua Marechal Floriano. A academia prosperou e Mestre Paulinho chamou Mestre Monsueto para ajudar a dar aulas.

²² Universidade do Vale do Rio dos Sinos, localizada na região metropolitana de Porto Alegre.

No final de 79, início dos anos 80, eu fui treinar na Academia Muzenza, com o, então, Contramestre Paulinho. Numa academia que ele teve durante muitos anos. Bem perto do antigo abrigo do Chalé da Praça XV, num prediozinho, no 5º ou 6º andar. Saía do elevador, dava de cara com a sala. Aí o Mestre Monsueto estava ajudando ele nesta época, na Rua Marechal Floriano.
Mestre Carson

Mestre Paulinho ficou em Porto Alegre até 1984, quando voltou a morar em Mato Grosso do Sul. Atualmente continua participando dos eventos do grupo Muzenza.



Conforme os entrevistados, o contramestre Ferro Velho – **Israel de Paula Pires**, de Curitiba, também aluno de Mestre Sergipe do CPC – Centro Paranaense de Capoeira foi o último capoeirista que chegou para ensinar Capoeira em Porto Alegre na década de 1970. Ele veio a convite de Mestre Paulinho, que precisava de um auxílio para atender ao crescente número de alunos em sua academia. Contramestre Ferro Velho faleceu em 1988 na cidade de Goiânia, as informações sobre as causas da sua morte, são diversas e contraditórias. A seguir, algumas recordações sobre ele, compartilhadas por Mestre Carson e Contramestre Jacó.

Ele era aluno do Mestre Sergipe, mas ele trabalhou um tempo com Mestre Paulinho. Ele era um cara muito de boa, apesar de ser um cara grande e forte, bom de Capoeira, mas ele não queria problema com ninguém e teve uma época que ele teve o grupo dele.
Mestre Carson

*O Paulinho convidou o Ferro Velho, que ele já conhecia do
Paraná, para vir, a Porto Alegre, ajudar dar aulas
em sua Academia, porque ele estava
com muitos alunos.*
Contramestre Jacó

Os Mestres apresentados neste capítulo deram a forma e o conteúdo da Capoeira ensinada em Porto Alegre a partir da chegada de Mestre Cau em 1966. Demarcaram territórios, disputaram e criaram espaços, formaram multiplicadores e implantaram de maneira consistente a prática da Capoeira em nossa cidade.

*Nós tivemos esta honra de abrir os caminhos para muita
gente que está aí. Hoje o pessoal com a academia cheia
ou com a academia vazia, não pensa que teve gente
aqui, lá atrás, abrindo as portas.*
Contramestre Jacó



CAPÍTULO VI
QUINTAIS, ACADEMIAS E CLUBES: ONDE A CAPOEIRA COMEÇOU
A SER ENSINADA

Mestre Guto
Mestre Cau
Marcelo Freitas
Mestre Carson
Contramestre Jacó
Professor Odon

O primeiro espaço de ensino formal de capoeira na cidade de Porto Alegre, conforme depoimento de Mestre Cau, foi o **Clube Erechim**, atual Nonoai Tênis Clube, que fica na zona sul da cidade.

*Eu dava aula num campinho baldio. Aí a turma cresceu e então,
eu falei com o presidente do clube Erechim, que era meu amigo
e pedi para usar a quadra de futebol. Mas ele liberou um salão
enorme e disse que eu poderia usar os dias que eu quisesse.
Foi uma avalanche, a turma cresceu mais ainda.*

Mestre Cau

Posteriormente com a chegada dos outros mestres, o centro da cidade concentrou o maior número de locais de aprendizagem. Ali estavam localizadas as academias Rui Barbosa, Kidokan, Budokan, Muzenza, Oxóssi, ACM, Mudança e CEUE, havendo também alguns espaços em bairros de classe média, como a Faculdade do IPA e os Clubes Petrópolis e Caixeiros Viajantes e, um espaço na periferia, a casa de Mestre Churrasco, na Vila Bom Jesus.

As academias do centro eram próximas umas das outras, inclusive durante um tempo Mestre Índio, tinha a **Academia Oxóssi**, na Rua Marechal Floriano, esquina com a Rua Otávio Rocha, enquanto Mestre Paulinho, tinha a **Academia Muzenza**, no início da Rua Marechal Floriano. A **Academia Budokan**, localizada na Rua Siqueira Campos, onde Mestre Monsueto e Mestre Índio deram aulas, também era próxima das anteriores.

Aí minha mãe me levou na academia do Mestre Índio, a academia estava fechada e não tinha ninguém para atender, aí ela não queria voltar lá outro dia, então eu lembrei que tinha a Academia Muzenza, com o Mestre Paulinho. Aí foi lá o primeiro contato com a Capoeira que eu tive, o Paulinho estava afastado, porque estava com o pé machucado, aí, na época, quem estava dando aula era o Mestre Souza, o Monsueto.

Marcelo Freitas

O Paulinho começou dando aula na Rui Barbosa, com o Seu Nei, depois foi para academia da Rua Marechal Floriano, aí depois ele teve um problema, onde ele bateu o pé num espelho e cortou o pé.

Mestre Carson

O Mestre Souza deu aulas em outros lugares, inclusive numa academia top, lá na Siqueira Campos, chamada de Meibukan, que depois teve o nome de Budokan, que era concorrente direta da Kidokan.

Contramestre Jacó

Na parte mais alta da cidade, na esquina da Rua Duque de Caxias com a Rua Vigário José Inácio, estava a **Academia Kidokan**. Neste local Mestre Monsueto, como já vimos, deu aula de caratê e de Capoeira. Posteriormente Mestre Cerqueira chegou e assumiu o lugar de Mestre Monsueto.

Eu comecei treinando na Academia Kidokan, que ficava na Rua Duque de Caxias com a Rua Vigário José Inácio. Eu acho que ela não era uma academia muito cara, apesar do pessoal dizer que ela era uma academia mais elitizada.

Mas com certeza ela era uma das academias tops¹ de Porto Alegre na época.

Contramestre Jacó

A **Academia Rui Barbosa**, era um centro de artes marciais. O dono dela, Nei Albuquerque, era um grande incentivador das lutas, tanto que, durante um tempo, este local serviu como sede da Federação

¹ Gíria sinônimo de boa qualidade, superior, bem avaliada.

Gaúcha de Pugilismo. A Rui Barbosa estava situada na esquina da Rua Riachuelo com a Rua Caldas Junior e por ela passaram os Mestres Cau, Índio e Paulinho.

Já a **ACM** – Associação Cristã de Moços e o **CEUE/UFRGS** – Centro dos Estudantes Universitários de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde respectivamente Mestre Vadinho e Mestre Ratinho deram aulas, ficavam um pouco mais afastadas das demais academias, nos limites do centro com o bairro Cidade Baixa.

A Academia **Mudança**, onde Mestre Índio deu aulas, ficava nas imediações do Bairro Independência. Os espaços fora do centro ficavam nos bairros Rio Branco e Petrópolis, que eram bairros de classe média e neles estavam localizados a Faculdade do **IPA**, o **Clube Caixeiros Viajantes** e o **Petrópolis Tênis Clube**. Na periferia, no Bairro Bom Jesus, localizava-se o espaço de ensino de **Mestre Churrasco**, que dava aulas nos fundos de sua residência.

Nós tivemos o privilégio de ir a um evento dele, lá dentro da Bom Jesus e fomos muito bem recebidos.

Professor Odon

LEGENDA

- ACM** - Associação Cristã de Moços - Mestre Vadinho
- AM** - Academia Mudança - Mestre Índio
- B** - Academia Budokan - Mestre Índio e Mestre Monsueto
- CCV** - Clube dos Caixeiros Viajantes - Mestre Ratinho
- CEUE** - Centro dos Estudantes Universitários da UFRGS -Mestre Ratinho e Mestre Macaô
- IPA** - Universidade IPA - Mestre Mano, Mestre Ratinho e Mestre Índio
- K** - Academia Kidokan - Mestre Monsueto e Mestre Cerqueira
- MI** - Academia Mestre Índio - Mestre Índio
- M** - Academia Muzenza - Mestre Paulinho, Mestre Monsueto e Mestre Ferro Velho
- P** - Parque Moinhos de Vento ou Parcão - Mestre Índio e Mestre Paulinho
- R** - Parque da Redenção - Mestre Churrasco, Mestre Índio e Mestre Paulinho
- RB** - Academia Rui Barbosa - Mestre Cau, Mestre Índio e Mestre Paulinho



CAPÍTULO VII

CLASSE, RAÇA, GÊNERO E MÍDIA: O PERFIL DOS ALUNOS E MOTIVOS QUE LEVAVAM À PRÁTICA DA CAPOEIRA NA DÉCADA DE 1970

Mestre Guto
Mestre Mano
Marcelo Freitas
Mestre Índio
Mestre Carson
Professor Odon
João Horácio

As primeiras turmas de alunos de Capoeira de Porto Alegre eram compostas por **jovens**, majoritariamente **brancos**, universitários, praticantes de esportes radicais, moradores em bairros de **classe média** e frequentadores de clubes sociais. Os praticantes que não tinham esse perfil eram os alunos de Mestre Churrasco que moravam na **periferia** da cidade.

Índio chegou aqui dando aula para classe média, tanto é que nós, o grupo Filhos da Vivência nasceu dentro da Universidade, era 20 pessoas, classe média, que podiam pagar. A Capoeira que o Churrasquinho trabalhava, era uma Capoeira de comunidade, de periferia, com as pessoas mais carentes, mais próximas, mas ela não rodava no ambiente da Capoeira que era do Grupo Muzenza e do Grupo Oxóssi.

Mestre Mano

Tinha uns caras ali perto de casa que eram surfistas e estes caras estudavam comigo no colégio. Foi com eles que eu conheci a Capoeira. Eu não sei onde é que eles aprenderam, só sei que os surfistas ali do bairro Chácara das Pedras¹, de uma hora para outra, no colégio, começaram a fazer Roda de Capoeira. Todos brancos, cabeludos, loiros. As academias eram em lugares caros, eu acho até que na época eu parei de treinar, porque fiquei sem condições de pagar, porque o contrato era de 06 meses. Mas a Capoeira era noventa por cento brancos, cara. Mais homens, tinha mulher né, mas era minoria.

Marcelo Freitas

¹ Bairro de classe média alta de Porto Alegre.

Eu pegava onda, eu era jovem e gostava das coisas da juventude, rock'n roll, surfê e Capoeira. O perfil da gurizada do IPA era sempre filhos de classe média alta. Era a gurizada classe média e classe alta que se atraía muito pela capoeira e o IPA congregava este pessoal, o Petrópolis também. E é claro que tinha o pessoal do Churrasco nas periferias, mas a gente não tinha muita noção.

Mestre Carson

Eu só tinha aluno rico aqui, eu ficava triste sabe por quê? Porque eu ia todo dia dar aula e não tinha um negro na aula, o primeiro negro que entrou veio de Ipanema, o delegado Cleiton e aí ele treinou comigo uns 4 ou 5 anos.

Mestre Índio

Então, tinha a Capoeira do Mestre Churrasco que era aquela Capoeira de rua, que se jogava ali na Redenção.

Professor Odon

A grande receptividade da Capoeira pela população porto-alegrense pode ser atribuída por alguns fatores, dentre eles o **reconhecimento como esporte** pelo MEC em 1972 e pela contribuição da **mídia** como um instrumento importante na divulgação da mesma, fazendo desta uma prática que estava 'em moda'. Contudo, mesmo com esta grande aceitação, a Capoeira ainda enfrentava alguns **preconceitos raciais e sociais**.

Em 1972, na época dos milicos, o MEC – Ministério da Educação, Cultura e Esporte decretou que a Capoeira era o único esporte genuinamente brasileiro e isso deu uma visibilidade. Nessa época teve aquele filme que o Mestre Camisa fez com o Nestor Capoeira, o Cordão de Ouro, então assim, a gente tem que entender o contexto geral, havia uma modinha na juventude e esta modinha era a Capoeira.

Mestre Mano

É que na verdade, isso tudo acho que veio numa novela, que acho que tinha Capoeira e naquela época a Capoeira foi moda e estava sendo bem divulgada, não sei qual era o motivo, mas sei que o pessoal de uma hora para outra descobriu a Capoeira e foi um modismo e foi assim que os mestres começaram a descer. Pô cara, quando eu entrei na Capoeira, a Capoeira não era muito bem vista até dentro da família

da gente. Uma vez o meu pai chegou e perguntou: por que tu que fazer isso daí, virar cambota? Isso é coisa de marginal.

Marcelo Freitas

Eu não sei por que eles queriam fazer, mas a minha academia era cheia, era novidade, porque o gaúcho também aproveita a moda. Tinha pai que chegava e dizia: Meu filho não vai treinar Capoeira, um esporte de negro. Mas o filho queria, batia o pé e ia fazer.

Mestre Índio

Quanto a **presença de mulheres**, alguns entrevistados afirmaram que as mulheres não faziam parte das aulas, ou eram, muito poucas, enquanto outros disseram que havia várias mulheres e que elas tinham uma presença bem forte. Talvez esta contradição possa ser entendida a partir de uma análise dos espaços onde eram realizadas as aulas. Vejamos:

Na época o mestre vivia sozinho e na academia só tinha homens, não tínhamos a presença de mulheres ainda treinando Capoeira. Era um ambiente tipicamente masculino, um ambiente bem suadoro.

João Horácio

Mestre Carson, treinou com Mestre Paulinho na Academia Muzenza, ao ser questionado sobre a presença de mulheres, mesmo lembrando o nome de algumas, considera pequena a participação das mesmas diante do número de capoeiristas homens. Já Mestre Índio e Professor Odon afirmam que havia grande presença de mulheres participando das aulas de Capoeira e com uma boa qualidade técnica.

Havia poucas mulheres, tinha a Elaine que era namorada do Paulinho, a Carla Lubisco, hoje uma grande personal trainer e outras meninas.

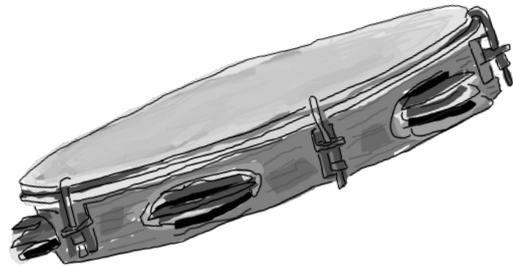
Mestre Carson

Tinha, bastante, tinha Neusinha, tinha a Maia, tinha uma que virou cantora depois.

Mestre Índio

Sim, na Kidokan, tinha umas mulheres de boa Capoeira. Foram minhas contemporâneas, a Flavinha e a Laura Finochiaro que é uma roqueira que mora em São Paulo.

Professor Odon



CAPÍTULO VIII

RODAS DE CAPOEIRA: ACADEMIAS E PARQUES, ENCONTROS E CONFRONTOS

Contramestre Jacó
Mestre Guto
Mestre Carson
Marcelo Freitas
Mestre Fernando
João Horácio
Mestre Índio
Mestre Mano

As Rodas de Capoeira aconteciam em vários momentos e com objetivos diferenciados. As **rodas treinos**, que geralmente eram realizadas após a aula e serviam como momento avaliativo dos movimentos aprendidos e da técnica dos alunos. As **rodas de intercâmbio**, quando um grupo ou academia recebia ou visitava outro grupo, para trocar experiências.

Meu mestre já era mais fechado, ele não gostava que a gente fosse na academia dos outros, então ele dizia, quer ir vai, vai e não reclama, vai faz teu nome, se tiver jogo duro, vai lá e joga e não reclama.

Contramestre Jacó

As **rodas** realizadas **durante os batizados** em que os alunos novatos jogavam Capoeira com os capoeiristas mais experientes, havendo sempre a presença de mestres e capoeiristas de outros Estados. Eram realizadas em **ambiente fechados (clubes ou ginásios)**, reunindo um número maior de participantes, que incluía familiares e amigos que iam prestigiar o evento.

Todos os batizados, que o Mestre Cerqueira fazia, ele trazia o pessoal lá de Curitiba e sempre vinha o mestre dele, o Mestre Sergipe, e vinha também o Mestre Pítton¹ e vinha o Mestre Pop².

1 Mestre Pítton, Aloisio de Souza Pítton, capoeirista baiano, radicado em Curitiba, parceiro de Mestre Sergipe.

2 Mestre Pop é um dos precursores da capoeira no Estado de Santa Catarina.

O Mestre Cerqueira sempre lotava os batizados dele.
Contramestre Jacó

*Inclusive tem uma foto histórica, que circula aí com Mestre Sergipe,
Mestre Paulinho, Mestre Índio, de um encontro que aconteceu no
Clube Caixeiro Viajantes. Veio Mestre Cacau, Mestre Burguês
e Mestre Bandeira³ lá de Santos.*
Mestre Carson

As **rodas na academia**, também eram chamadas de **rodas fechadas**, porque somente podia participar delas os alunos que treinavam na academia e os capoeiristas que eram convidados pelo mestre responsável pelas aulas no local. Serviam como preparação para os alunos novos ganharem experiência da prática e posteriormente poderem jogar nas rodas de rua. Alguns mestres optavam por fazer somente rodas fechadas, para preservar a imagem do seu trabalho e a integridade física de seus alunos. Estas rodas eram realizadas normalmente nos dias e horários de aula, pois aproveitava a rotina dos alunos e o tempo disponibilizado pelo dono da academia.

*Às vezes ele recebia gente na Kidokan, às vezes fazia roda mais fechada,
para evitar bagunça, mas sempre nesta história assim, de ter respeito, de
não bagunçar o local de trabalho, esta era a política dele.*
Contramestre Jacó

As **rodas de rua**, que tem esta identificação, por serem realizadas em **espaços públicos**, geralmente eram abertas e qualquer pessoa podia participar desde que tivesse condições técnicas para corresponder às exigências do momento. Eram nestas rodas que os mestres e alunos, demonstravam para o público, os saberes e os fazeres produzidos nas academias, objetivando divulgar o nome do Mestre ou do Grupo.

*Aí, tu vai demonstrar teu trabalho e os caras chegam lá pra bagunçar,
aí tu tem que dizer, aqui é meu trabalho, uma apresentação com meus
alunos, não é roda aberta, e isso mestre Cerqueira fazia
e muita gente não gostava.*
Contramestre Jacó

³ Luiz santos Barbosa, Mestre de Capoeira da baixada santista.

Algumas vezes as rodas de rua promoviam o **encontro** de grupos ou capoeiristas aliados, mas na maioria das vezes o que acontecia era o **confronto**, em que os aspectos de combate eram evidenciados, com objetivo de sobrepujar a técnica adversária e com isso agregar valor à sua prática e ao seu grupo. Participar das rodas de rua proporcionava aos praticantes, ao mesmo tempo, momentos de liberação e de criação de emoções diversas, como medo e coragem, alegria e tristeza, entre outras emoções, que fazem parte do nosso dia a dia.

Nas rodas quando se encontravam, mesmo dentro das academias, acabavam sempre em pancadaria, em quebra pau, durante este período, era muito difícil haver um encontro para celebrar uma Roda de Capoeira e tal, era mais para ir lá atrás de alguém ou para um grupo se sobrepor ao outro, este tipo de coisa.

João Horácio

Muitos mestres evitavam fazer rodas na rua ou de participar das mesmas, porque entendiam que, as brigas e os conflitos eram prejudiciais a imagem da capoeira. Nesse sentido, Mestre Fernando comenta que:

Eu lembro que às vezes tinha roda e as pessoas diziam não vamos nem parar aí porque dá confusão todo domingo, então era ideia que o pessoal tinha sobre a Capoeira, e dava mesmo.

Mestre Fernando

Questões relacionadas a **classe** social e **raça** também eram motivos de conflitos pois, conforme Mestre Fernando, alguns capoeiristas procuravam reprimir as rodas de rua realizadas pelos alunos do Mestre Churrasco que moravam na periferia.

Tornam-se capitão do mato, discriminando a negrada da periferia, então para ser aluno bom tinha que pagar, entendeu? Então, nós da periferia não servíamos, a gente atrapalhava, a lei do mercado.

Mestre Fernando

Na época, tinha aquela divisão. Os capoeiras de rua e os capoeiras de academia.

Contramestre Jacó

Então a cena era muito apartada, como disse, nas rodas quando se encontravam, mesmo dentro das academias, acabavam sempre em pancadaria, em quebra pau.

João Horácio

Filhos de **Oxóssi**, **Muzenza** e **Zumbi** dos Palmares liderados, respectivamente, por Mestre Índio, Mestre Paulinho e Mestre Churrasco eram os grupos que frequentemente realizavam as rodas nos parques. Estas rodas aconteciam no **Parcão**, cujo nome oficial é Parque Moinhos de Ventos, que foi inaugurado em 1972 no bairro Rio Branco. Na década de 1970, o Parcão era uma novidade na cidade e reunia um público de classe média que frequentavam o local para realizar atividades de lazer e praticar esportes.

O grupo Oxóssi, começou as rodas no Parcão e vinha gente, muita gente, porque só ali tinha roda.

Mestre Índio

O Parque Farroupilha (ou Parque da **Redenção**) recebia um público mais heterogêneo, pois era um lugar de fácil acesso, e onde aconteciam várias intervenções artísticas. Este parque, oficialmente inaugurado em 1935, antigamente chamava-se Campo da Redenção, pois foi o lugar onde os negros libertos se estabeleceram após a Abolição da Escravatura.

O Churrasco, ele fazia uma roda lá na Redenção. Aí depois eu soube que ele dava aula na vila Bom Jesus.

Marcelo Freitas

As rodas nos parques eram realizadas nos domingos pela manhã, com exceção das rodas coordenadas por Mestre Churrasco, que preferia fazer de tarde e com um tempo de duração mais prolongado. A escolha dos lugares para realizar as rodas se dava em função da proximidade com a academia ou em virtude de ser um local que reunisse um grande grupo de pessoas.

Para tu ter uma ideia do axé⁴, a roda do Churrasco começava às duas horas e ia até o final da tarde. Os caras iam passando e falavam: o Mestre dá para jogar? Jogo com quem? Joga com quem quiser.

Mestre Fernando

⁴ Palavra do idioma Iorubá, que significa poder de realização, energia positiva, muito utilizada pelos capoeiristas.

Depois como eu tinha muito aluno no lado de lá, eu comecei a fazer no Brique⁵. Naquele tempo a roda era muito grande e todo mundo era curioso para ver a Capoeira. Formava uma roda tão grande que os caras que faziam o comércio ali ficavam chateados porque atrapalhava a venda. O Churrasquinho fazia depois, depois que ele começou a crescer, muito depois, aí começou a fazer também na Redenção.

Mestre Índio

O Parcão, porque o Mestre Paulinho deu aula na Academia do Parque e a gente fez muita roda lá, porque era a novidade da época, atingindo toda aquela clientela do Mestre.

Mestre Carson

Os grupos Filhos de Oxóssi, Muzenza e Zumbi dos Palmares tinham uma constância de rodas na rua e normalmente faziam em horários distintos, mas muitas vezes, capoeiristas de um grupo visitava a roda de outro e quando isso acontecia não eram raras as desavenças, que na maioria das vezes, terminava em brigas pontuais e até mesmo generalizadas.

Bom, tinha roda no Brique da Redenção, na época também se fazia roda lá, as rodas eram bem perigosas, assim no sentido de que a gente ia pra roda sabendo que ia rolar alguma pauleira, né.

Mestre Mano

Mesmo com estes conflitos, as rodas tiveram um papel importante para o **aumento de praticantes**, pois muitas pessoas começaram a aprender Capoeira, após assistir uma roda de rua ou algum tipo de apresentação pública.

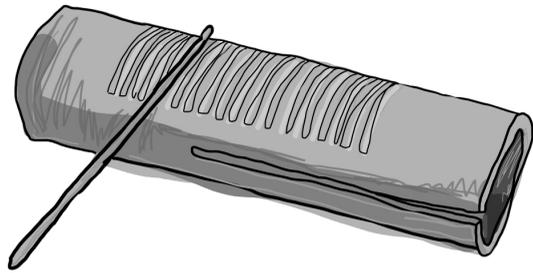
Eu conheci a Capoeira de verdade, vendo as rodas do Mestre Índio no Brique. E no Ginásio da Brigada eu via os batizados. Era setenta e poucos.

Marcelo Freitas

Eu conheci o Mestre Índio, numa excursão de 2 de fevereiro, onde nós fomos fazer uma homenagem para Iemanjá na beira da praia, em Cidreira. Ele já tinha bons alunos que já treinavam a algum tempo. Era impressionante a destreza do Mestre. Daí fui atrás para conhecer a tal da Capoeira.

João Horácio

⁵ O Brique da Redenção foi fundado em 1978 e consiste de uma grande feira de artesanato que acontece aos domingos no Parque da Redenção.



CAPÍTULO IX

FATORES QUE INFLUENCIARAM A CAPOEIRA NA DÉCADA DE 1970

Mestre Guto
Mestre Mano
Mestre Fernando

Nos anos de 1970, a Capoeira tinha forte influência do militarismo e das ideias esportivistas, sendo, inclusive, reconhecida pelo **MEC**¹ como um desporto brasileiro, a partir das demandas de dois simpósios realizados em 1968 e 1969, na cidade no Rio de Janeiro, pela **CBP – Confederação Brasileira de Pugilismo**².

Estes encontros aconteceram em quartéis da Aeronáutica e afirmaram a proximidade da Capoeira com as estruturas militares, principalmente no que se refere ao campo dos ideais, interferindo no comportamento dos capoeiristas, que passaram a carregar uma série de valores como ordem, disciplina, progresso, uniformes, hierarquia e respeito a pátria.

Sobre este tema, Falcão (2004, p. 103) em sua Tese de Doutorado, traz mais informações.

A regulamentação da capoeira pela CBP reflete as influências do sistema sociopolítico vigente na época. Convém lembrar que, nesse período, o Brasil vivia sob os auspícios da Ditadura Militar, e os códigos dominantes da Educação Física apregoavam o rendimento como mola mestra das atividades corporais. Neste sentido, a Capoeira, como esporte, contribuiria para o fortalecimento da mentalidade competitivista, um dos suportes ideológicos desse período. A CBP, como instituição corporativa controlada pelo Estado autoritário, através do

1 O parecer do General Jayr Jordão Ramos (MEC/CND, 1972), reconhecia a Capoeira como Desporto, mas dizia aguardar que a CBP apresentasse as normas orientadoras das competições da modalidade em todo o território nacional, efetivamente aprovadas, oficializadas e divulgadas em 1973.

2 CBP – Confederação Brasileira de Pugilismo, órgão responsável pela Capoeira de 1953 até 1992.

Conselho Nacional de Desportos (CND), tratava a capoeira como um desporto do ramo pugilístico, adotando boa parte das normatizações verificadas em outras modalidades de luta oficialmente praticadas no Brasil.

A **Federação Paulista de Capoeira**, em 1974, adotou um sistema de condutas como uso de uniformes, saudação à bandeira, ordem unida, organização de campeonatos e critérios unificados para identificação de níveis técnicos que eram demarcados através do uso de cordéis coloridos, que tinham por referência as cores da bandeira nacional.

Este sistema de regras era baseado no Regulamento Técnico de Capoeira, um documento elaborado pela Confederação Brasileira de Pugilismo. Novamente busco auxílio sobre este assunto em Falcão (2004, p. 104).

O Regulamento de Capoeira, editado pelo Departamento de Capoeira da CBP, em dezembro de 1972, passou a vigorar a partir de 1º de Janeiro de 1973, foi revisto e atualizado pela Assessoria de Capoeira em setembro de 1986 (CBP, 1987). Este Regulamento deixa evidente a pretensão dos seus executores, investidos de autoridade delegada pelo Estado, de querer organizar e padronizar, através de normas e regras e segundo critérios próprios, toda a prática da capoeira no território nacional. Tal Regulamento exigia dos capoeiristas prática “limpa e leal”, em que todos os preceitos técnicos exarados nele, fossem rigorosamente cumpridos.

Após extensa pesquisa, procurando o texto completo do primeiro regulamento técnico de Capoeira, só encontrei partes e um pequeno histórico da sua criação em um site³ que traz informações sobre **Mestre Mendonça**⁴, o suposto redator deste regulamento.

³ <http://www.rodacapoeira.com.br/artigo/O-Legado-de-Mestre-Mendonca-para-a-Capoeira/0>

⁴ Damionor Ribeiro de Mendonça nasceu em Aracaju, Sergipe em 16/07/1932. Foi para o Rio de Janeiro em 1950. Iniciou na Capoeira na década de 1960 com Mestre Artur Emídio.

Desta página, cujo endereço está no rodapé, compartilharei algumas informações que foram publicadas por Jefferson Estanislau⁵ em 03/04/2017, pois percebo que elas fazem sentido e acredito que são importantes para entendermos as dinâmicas e os comportamentos dos capoeiristas nesta época.

Vejam o que Jefferson escreveu sobre Mestre Mendonça e sobre o objetivo da elaboração de um documento regrando a prática da Capoeira:

Como um bom patriota e de forma a valorizar a Capoeira como genuína Arte Marcial Brasileira, Mestre Mendonça fundamentou seu anteprojeto em demonstrar nossa nacionalidade e valorizar a Capoeira atual como uma arte correta, cujos praticantes são pessoas do bem, ao contrário do Decreto nº 847 que tratava os capoeiristas como vadios e criminosos⁶.

Em seguida, após esta breve apresentação, Jefferson passou a compartilhar partes do **regulamento técnico** proposto por Mestre Mendonça e aprovado pela Confederação Brasileira de Pugilismo, com destaque para o sistema de graduação e uniformes que deveriam ser utilizados pelos capoeiristas em todo o Brasil.

De forma a ter uma organização e para que os capoeiristas se entendessem e se respeitassem de forma sadia e hierárquica nas Rodas de Capoeira, Mestre Mendonça criou um sistema de graduação chamado Cordel.

As cores dessa graduação foram baseadas nas cores da Bandeira Nacional Brasileira, estabelecida de forma lógica, conforme a maior concentração ou quantidade dessa cor em nossa bandeira, sendo a primeira cor verde, depois o amarelo e o azul. A cor branca *só entra no nível de mestre*.

O uniforme para a prática da Capoeira, atende ao preceito da mudança de paradigma entre o conceito do Capoeira ser vadio,

5 Capoeirista do Rio de Janeiro, discípulo de Mestre Bogado, da linhagem de Capoeira de Mestre Mendonça.

6 Disponível em: <http://www.rodadecapoeira.com.br/artigo/O-Legado-de-Mestre-Mendonca-para-a-Capoeira/0>

para o conceito do praticante de Capoeira ser um cidadão de bem, tendo a lisura e o respeito em um uniforme limpo.

Assim, a calça deveria ser branca, em helanca ou tecido similar, cuja bainha alcance o tornozelo, atada a cintura pelo cordel indicativo da classe a que pertence o atleta.

Seria proibido o uso de outra cor, bem como o uso de cintos, bolsos, fivelas etc., que pudessem ser utilizados para esconder objetos que se tornassem armas nas mãos dos praticantes.

O capoeirista vestirá camisa branca de malha, tendo estampado no peito o escudo de sua entidade.

O cordel deve ser colocado na calça do capoeirista, transpondo as passadeiras, de maneira que seja dado um nó, no lado direito da cintura e que fiquem pendentes as duas pontas do cordel, na altura do joelho⁷.

De volta a história, sobre o início da Capoeira em Porto Alegre, podemos perceber nitidamente a repercussão destas propostas na organização dos grupos e nas práticas individuais dos capoeiristas. Ao falar sobre as aulas de Capoeira no IPA, mestre Mano afirmou:

*Abadá e camiseta branca sempre tiveram, desde o começo com
Mestre Índio, já tinha uniforme, só claro, nossos cordéis
eram aqueles cordéis feitos de lã.*

*Nós usávamos as cores da bandeira do Brasil, verde, verde e
amarelo, amarelo, amarelo e azul, azul, depois, verde
e branco, amarelo e branco, azul
e branco e branco puro.
Mestre Mano*

No entanto, alguns entrevistados afirmaram que, os capoeiristas que não se enquadravam neste padrão, seja por não querer ou por não conseguir ter acesso a bens como uniformes, frequentar academias ou participar de eventos, eram muitas vezes discriminados e até

⁷ Disponível em: <http://www.rodadecapoeira.com.br/artigo/O-Legado-de-Mestre-Mendonca-para-a-Capoeira/0>

perseguidos por alguns capoeiristas que seguiam as orientações da Federação Paulista de Capoeira⁸.

*Estes caras que eram de periferia que gostavam de jogar na roda,
se identificavam com a gente na Redenção e a nossa roda era
aberta, diferente das rodas que os caras tinham que chegar
tudo de abadá, bonitinho e branquinho e só podia
ser da academia para jogar.*

Mestre Fernando

⁸ Fundada em 14/07/1974 é a primeira federação de capoeira do Brasil.



CAPÍTULO X

GRUPOS, BATIZADOS E GRADUAÇÕES: DISPUTAS, CORDÉIS E FORMAÇÃO DE NOVOS CAPOEIRISTAS

Mestre Guto
Mestre Índio
Mestre Mano
Contramestre Jacó
Mestre Carson
Mestre Fernando
João Horácio

Os primeiros mestres, **Cau** e **Vadinho**, apesar de ensinarem em espaços específicos, como em clubes e academias, e, com tempo pré-determinado para duração das aulas, não constituíram Grupos de Capoeira da forma como hoje conhecemos. Eles mantinham uma **relação personalizada** com seus alunos, centrada na transmissão de mestre-discípulo.

A noção de grupo, com símbolos de pertencimento como camisetas, processos iniciáticos e brasões de identificação, foi trazido a Porto Alegre por **Mestre Índio**, que procurava através da formação de novos praticantes estabelecer as bases para o seu grupo, o **Filhos de Oxóssi**.

Quando eu digo fazer escola é quando os alunos daquele mestre reproduzem as coisas deles, reproduzem os ensinamentos, mesmo que seja com algumas pequenas modificações. Todos os alunos do Mestre Índio faziam questão de reproduzir e de destacar os ensinamentos dele.

Mestre Mano

Já **Mestre Monsueto** e **Mestre Cerqueira**, não se preocupavam tanto com a questão de Grupo e desenvolveram seus trabalhos de forma mais vinculada ao **seu próprio nome ou utilizando o nome da academia** onde ensinavam.

Mestre Souza dava aula na Kidokan. O que eu me lembro desta época, é que ele não tinha Grupo. A mesma coisa com o Mestre Cerqueira. Os grandes grupos na época eram dois, era o Muzenza e o Oxóssi.

Mestre Mano

Ele não tinha Grupo, era o Grupo do Mestre Cerqueira que o pessoal chamava e quando nós treinávamos na Kidokan, tinha que ter nas camisetas o nome da Academia.

Contramestre Jacó

Quando **Mestre Paulinho** chegou, ele veio representando o **Grupo Muzenza**, que havia sido criado em 1972 e estava em processo de expansão nacional. A sua chegada causou uma disputa entre ele e Mestre Índio e, estes conflitos passaram a ser reproduzidos também pelos integrantes do Grupo Filhos de Oxóssi e do Grupo Muzenza.

E depois veio Mestre Paulinho para Porto Alegre. A ideia de Grupo começou a ficar forte, e aí a Capoeira virou uma guerra. Era Oxóssi e Muzenza, era guerra. A gente se encontrava e a gente sempre se quebrava no pau, teve combates históricos, hoje a gente dá risada.

Mestre Carson

E o Índio e o Paulinho, tomaram conta do campinho e se digladiavam, volta e meia estavam se digladiando, visitando a academia um do outro, indo para a Redenção.

Mestre Fernando

Mestre Índio fez um trabalho maravilhoso com o Grupo Oxóssi e do outro lado era o Paulinho, tanto é que havia uma rivalidade tão grande, que quando havia um encontro dos dois, era aquela rivalidade. Nestes casos, quando estava o Mestre Cerqueira ou o Mestre Monsueto eles não se metiam, não se metiam na briga dos dois.

Mestre Mano

Havia também o **Grupo Zumbi dos Palmares**, criado por Mestre Churrasco, que não entrava nestes conflitos, pois atuava em uma área mais afastada e com um público diferenciado.

Mestre Churrasco dentro desta rota, que era Oxóssi e Muzenza, ele não se incluía, ele era um capoeira de rua.

Mestre Mano

O Churrasco nesta época fazia um trabalho diferente. A cena era basicamente, Muzenza e Filhos de Oxóssi.

João Horácio

No que se refere ao **uso das graduações** entre os capoeiristas de Porto Alegre, uma estratégia incentivada nacionalmente como uma forma de organizar e padronizar os níveis técnicos dos capoeiristas, Mestre Índio afirma que foi ele que introduziu a modalidade no Rio Grande do Sul. Em sua entrevista Mestre Mano ao ser questionado sobre o tema, declara ter conhecido este sistema através de Mestre Índio.

Aí botei a corda que tá aí até hoje, mas hoje é do mundo inteiro. Mas eu não vou querer este mérito porque eu já tinha visto gente usando, mas aqui para o Rio Grande do Sul quem trouxe foi eu.

Mestre Índio

Sim, depois que eu vim saber que a primeira federação de capoeira do Brasil, era a de São Paulo e ela adotou este sistema de graduação em 1972, se não me engano. E todos adotaram, inclusive na Bahia, porque o próprio Índio já veio de lá com esta graduação, o próprio Índio que era capoeira de rua.

Mestre Mano

Como foi dito, anteriormente, as graduações eram representadas por um cordel colorido, uma espécie de corda trançada, que era amarrada na cintura do capoeirista. As cores, baseadas na bandeira brasileira, variavam de acordo com o nível técnico de cada pessoa. As avaliações, para definir qual o estágio de aprendizagem de cada aluno, aconteciam em encontros específicos denominados **batizados**, momento em que o Mestre apresentava os novos aprendizes para outros Mestres e capoeiristas mais experientes. Mestre Índio informou que quando chegou a Porto Alegre, no início dos anos de 1970, Mestre Cau e Mestre Vadinho já realizavam uma atividade

semelhante aos batizados, porém os símbolos de distinção técnica eram diferentes.

Quando eu cheguei aqui eu fiquei sabendo que tinha Capoeira na Academia Rui Barbosa, e fui lá conhecer, visitar. Quando cheguei lá me disseram: o Vadinho vai chegar aí na semana que vem para trocar a cor do gorro, do chapeuzinho¹ dos alunos. Aí no dia, quando cheguei lá na Academia do Nei Albuquerque, o Vadinho chegou e eu falei: eu soube que vai ter um “eventinho” aí e eu vim para jogar um pouco.
Mestre Índio

No entanto, a estrutura dos batizados que atualmente são praticados em Porto Alegre, conforme os relatos dos entrevistados, foi trazida por Mestre Índio e posteriormente potencializada por Mestre Monsueto, Mestre Cerqueira e Mestre Paulinho.

O maior batizado que aconteceu na época, foi no Ginásio da Brigada Militar, eu batizei mais ou menos uns 150 alunos ali, veio o Cacau², o Coringa³, veio o Sergipe, o maior batizado da história. E eu cheguei a fazer uns dois ou três no IPA, não me lembro bem, mas no Petrópolis eu também fiz muito batizado.
Mestre Índio

Houve um grande batizado, em 1978, do Mestre Índio, o primeiro batizado que eu participei, foi enorme, um batizado mega para aquela ocasião e foi no Petrópolis Tênis Clube, lá eu peguei o meu primeiro cordão de Capoeira, o cordão verde, no batizado lá no Petrópolis Tênis Clube.
João Horácio

No momento do batizado o novato passa pela experiência de jogar na roda com os praticantes mais velhos e estes jogam entre si e com

1 Conforme Mestre Índio, Mestre Cau usava um gorro colorido para demarcar as etapas de aprendizagem. No entanto, Mestre Cau nega esta informação.

2 Cacau capoeirista de Salvador/BA, irmão de Mestre Índio e que fazia dupla nos shows.

3 Coringa, capoeirista de Salvador/BA, amigo de Mestre Índio.

capoeiristas de outros grupos para demonstrar suas técnicas e se estão aptos a mudar o nível de sua graduação e receber um novo cordel.

Similar as faixas utilizadas pelos praticantes de lutas orientais, os cordéis serviam para **identificar** e classificar os praticantes de acordo com a sua **capacidade técnica** e experiência na prática.

Nos anos de 1970 os níveis de graduação começavam com o cordel verde para iniciantes, azul para formados ou professores e branco para mestres.

Eu uso as cores da bandeira até hoje, como demarcação do nível de desenvolvimento do aluno, não tem um significado, assim, sentimental ou histórico. Não vejo que isso possa ser um fundamento, é só uma mostra do nível de desenvolvimento daquele aluno. Quando eu passei para o Mestre Canhão⁴, usava a mesma graduação, na verdade parecia que naquela época a graduação era unificada, todos conheciam esta graduação da Federação.

Mestre Mano

⁴ Augusto Salvador Brito, mestre baiano, que mora em São Paulo e que a partir de 1982, passou a orientar Mestre Mano.



CAPÍTULO XI

CAPOEIRA E ARTES MARCIAIS: A RELAÇÃO DOS CAPOEIRISTAS COM OUTRAS MODALIDADES DE LUTA

Mestre Guto
Contramestre Jacó
Mestre Carson
Professor Odon
Mestre Índio
Mestre Fernando

Na década de 1970 a relação da Capoeira com outras modalidades de luta era bem próxima, inclusive, **alguns mestres** antes de se tornarem capoeiristas **foram praticantes de artes marciais**. Aliado a isto, as primeiras aulas de Capoeira aconteceram em academias que já tinham uma tradição no campo das lutas.

Os mestres Jacó, Carson, Odon e Índio apontam aspectos sobre essa relação:

O Odon começou com o Souza na Kidokan. Mestre Sousa dava aula de Caratê e, também, de Capoeira. Eu treinava Kung Fu¹ lá na Kidokan e um dia, não sei por que, o Mestre se encarnou em mim e disse que eu tinha que treinar Capoeira e largar o Kung Fu porque aquilo não era pra mim.
Contramestre Jacó

Na época, a outra luta que concorria com a capoeira, era o Kung Fu, que era muito forte também em Porto Alegre, inclusive alguns capoeiristas vieram do Kung Fu.
Mestre Carson

Eu fazia Caratê² na Kidokan e um sábado de manhã, cheguei ali e, estava o Mestre Souza, de calça de abrigo, bota e camiseta, tocando berimbau.
Professor Odon

1 Arte marcial de origem chinesa.

2 Arte marcial de origem chinesa e japonesa.

*Eu me dava mais com os lutadores de outras artes marciais,
como Te Bo Lee³, Edson e Valmir⁴.*

Mestre Índio

No entanto, apesar desta troca e deste compartilhamento de espaços, a relação nem sempre foi tranquila. Pois, nesta época, era comum lutadores de outras modalidades irem **desafiar** os Mestres, que estavam começando um trabalho novo, em suas academias ou, no caso da Capoeira, nas rodas de rua, abertas ao público e onde muitos praticantes de artes marciais, entravam para testar a capacidade de combate da Capoeira.

Mestre Índio, Mestre Fernando e Mestre Mano descrevem com detalhes esses enfrentamentos:

Quando eu cheguei aqui, no primeiro ano, para ficar tinha que ter muito dende⁵, porque houve vários desafios, até cara com kimono⁶ enrolado, ia para a porta, para depois da minha aula, lutar comigo. Eu tive vários desafios e nenhum deles eu perdi. Por isto eu estou aqui até hoje.

Mestre Índio

A gente fazia roda na Redenção e apareciam uns caras dizendo: eu não acredito na tua Capoeira. Aí a gente tinha que “entrar para dentro”. O Bartelemi⁷ cansou de pegar cara na Redenção, porque a gente fazia roda e os caratecas⁸ não acreditavam. Ele fazia cada maldade com estes caratecas, até que chegou uma hora que ninguém mais queria entrar na roda.

Mestre Fernando

Os caratecas estavam tudo ali, apavorados, com medo, sabe da hora de uma interação, uma “troquinha”, os capoeiristas tudo cheio da malandragem, das rasteiras e os caratecas naquela coisa, e nós levava vantagem mesmo, o cara vinha dar um

3 Mestre coreano de Taekwondo que chegou a Porto Alegre em 1977.

4 Sobre Edson e Valmir não foi possível encontrar informações.

5 Gíria baiana usada na capoeira que significa coragem, força, valentia.

6 Vestimenta utilizada por praticantes de artes marciais.

7 Mestre Bartelemi dos Santos, irmão e um dos primeiros alunos de Mestre Churrasco.

8 Praticantes de Caratê.

9 Gíria usada pelos lutadores, quando querem testar as suas habilidades com outro lutador.

martelão¹⁰ e nós dava uma rasteira¹¹ para tudo quanto é lado. E a Capoeira chegou neste momento ser o esporte mais temido no meio das artes marciais.

Mestre Mano

Importante lembrar que **confrontos entre capoeiristas e lutadores** de outras artes marciais, já foram descritos em outras pesquisas. Jair Moura (2009), por exemplo, traz a história de Ciríaco que, em 1909, com um golpe giratório desmaiou Sada Myiako, um grande campeão e professor de Jiu-Jítsu que havia chegado diretamente do Japão, para dar aulas na Marinha de Guerra do Brasil. Este acontecimento saiu em diversos jornais da época e repercutiu positivamente para a prática da Capoeira no Rio de Janeiro no início do século.

Da mesma forma, as vitórias dos capoeiristas em Porto Alegre, apesar de não ter havido publicações em jornais, também foram importantes para afirmação da Capoeira, pois na década de 1970 havia também um movimento de expansão das artes marciais do Oriente, sendo então fundamental mostrar a eficiência de combate da Capoeira para manter espaços e conquistar e alunos.

Eu consegui sobreviver, porque eu ensinava a Capoeira como luta, não ensinava a Capoeira como jogo, ensinava Capoeira de rua, luta.

Mestre Índio

10 Chute frontal visando atingir o rosto do adversário.

11 Movimento de bater no pé de apoio do adversário visando derrubá-lo.



CAPÍTULO XII

RESUMO DAS INFORMAÇÕES: UM RÁPIDO OLHAR SOBRE ESTA HISTÓRIA

Mestre Guto

Apesar da prática da Capoeira se fazer presente em Porto Alegre desde o Século XIX, é a partir da passagem da década de 1960 para 1970 que o formato, que hoje conhecemos, com aulas coletivas, em espaços específicos e com tempo previamente estabelecido, foi implantado na cidade de Porto Alegre.

Esse processo aconteceu como resultado de múltiplos fatores iniciados no Brasil, nas décadas de 1950 e 1960, como a imigração de vários nordestinos para a região Sudeste e Sul, juntamente com o movimento de divulgação das culturas baianas a partir dos órgãos de turismo e o reconhecimento da Capoeira como esporte nacional.

Em Porto Alegre, Mestre **Cau**, quando voltou do Rio de Janeiro em **1966**, foi quem deu início a este movimento, ao ensinar Capoeira para seus amigos no **Clube Erechim**. Foi ele, também, o responsável por abrir espaço para o baiano **Vadinho** dar aulas na **ACM**.

Mestre **Índio**, após já ter passado pela cidade no final a década de 1960 para fazer shows folclóricos, em 1974 iniciou a aulas no Petrópolis Tênis Clube e trouxe a experiência dos modelos de organização dos grupos baianos de Capoeira, somada as influências da **Federação Paulista de Capoeira** e do **Conselho Nacional de Desportos**. Nesta mesma época chegou Mestre **Monsueto** para dar aulas de caratê na Academia **Kidokan**, com o tempo o Mestre passou a dar aulas de Capoeira também. Mestre **Churrasco** em **1976** começou a ensinar no quintal de sua casa na Vila **Mato Sampaio**, periferia de Porto Alegre. Em **1977** chegou Mestre **Cerqueira** que posteriormente passou a dar aulas na Academia Kidokan no lugar de Mestre Monsueto. Mestre **Paulinho** chegou em **1978** e após dar aulas na Academia **Rui Barbosa**, abriu a sua academia e chamou Mestre **Ferro Velho** para lhe ajudar nas aulas.

O ensino da Capoeira na década de 1970 estava concentrado no **centro da cidade** e em bairros de classe média, com **exceção** da casa de

Mestre Churrasco, que ficava na **periferia** e onde também mudava o perfil dos alunos, sendo quase todos negros e de baixa renda.

Havia uma **rotatividade** dos Mestres **nas academias** de Porto Alegre, acontecendo frequentemente que um Mestre ficasse durante um tempo numa academia e depois entrasse outro Mestre para substituí-lo. A saída de um Mestre de uma academia ou de um local de ensino, na maioria das vezes, era por desentendimentos com o proprietário ou porque o Mestre recebeu uma proposta melhor, principalmente em relação a questões econômicas. Havia uma relação clara de **empregado e empregador**, com **exceção** das experiências de Mestre **Índio** e Mestre **Paulinho** que durante um tempo tiveram as suas **próprias academias** e atuavam especificamente com Capoeira, enquanto as outras academias ofereciam diversas outras atividades de luta, ginástica e dança.

Os Mestres de Capoeira eram quase todos **de fora do Estado**, com exceção de Mestre Cau e Mestre Churrasco. Os **alunos** eram na sua maioria **homens brancos**, de classe média, com idade inferior a 20 anos, que gostavam de esportes radicais. Segundo as informações das entrevistas foi possível identificar que houve nessa época a presença de **algumas mulheres**, mas esta informação variou de acordo com o lugar onde o Mestre ministrava a aulas. Havia na época uma **tendência** comportamental e social que levava os jovens a querer praticar Capoeira, sendo que alguns entrevistados apontaram a **mídia** como fator responsável por essa promoção da Capoeira. Basicamente os alunos iniciavam na Capoeira através de **convites de amigos**, dos próprios Mestres ou por terem assistido a uma Roda ou apresentação de Capoeira.

Os mestres que divulgavam seus trabalhos enquanto Grupo, nos anos de 1970, era Mestre Índio com o **Grupo Filhos de Oxóssi**, Mestre Paulinho com o **Grupo Muzenza** e Mestre Churrasco com o **Grupo Zumbi dos Palmares**. Os demais mestres tinham seus trabalhos vinculados ao nome da academia onde eles davam aulas. Inclusive esta forma de organizar a Capoeira enquanto Grupo, foi um dos motivos que levou Mestre Índio e Mestre Paulinho a vários **conflitos** que não raro acabavam em brigas violentas.

As **rodas de rua** aconteciam no **Parcão** e no Parque da **Redenção**. As **rodas de academia** eram restritas aos alunos e aos convidados. As **rodas de eventos**, quase sempre aconteciam em ginásios ou clubes,

normalmente eram realizadas durante os batizados de Capoeira. A roda de rua também era uma forma que os mestres usavam para **divulgar** seus trabalhos e quase sempre eles escolhiam o lugar para realizá-la de acordo com a proximidade de sua academia. As rodas também serviam para **demarcar territórios**, mesmo que muitas vezes, fosse um território relacionado ao tempo, a exemplo de Mestre Índio que fazia roda no Parque da Redenção de manhã e Mestre Churrasco fazia de tarde.

Nas rodas de rua quase sempre acontecia conflitos entre capoeiristas de grupos diferentes e às vezes com lutadores de **outras artes marciais**, que vinham ‘testar’ a capacidade de luta da Capoeira. Aliás, ficou evidente ao longo da pesquisa, que o aspecto de combate da Capoeira era muito enfatizado neste período, inclusive alguns mestres foram desafiados na porta de suas academias e saíram vencedores da contenda.

Havia também uma **divisão de classe/raça** na cena da Capoeira porto-alegrense, que muitas vezes gerava tensões entre os capoeiristas da periferia, predominantemente negros, que se identificavam como capoeiras de rua e os capoeiristas da classe média, predominantemente brancos, que treinavam em academias.

Os **batizados**, ou eventos similares, já eram presentes desde o início com Mestre Cau, mas, a partir da metade dos anos de 1970, foi **potencializado** pela chegada de Mestre **Índio**, Mestre **Monsueto**, Mestre **Cerqueira** e Mestre **Paulinho** que os realizavam conforme a organização difundida pela Federação Paulista de Capoeira. Eram **locais de realização** de batizados as próprias **academias** como a Rui Barbosa e a Kidokan, os **Clubes** Caixeiros Viajantes e Petrópolis Tênis Clube e os **ginásios** da Faculdade de Educação Física do IPA e o da Brigada Militar.

Como resultado do processo iniciado pelos mestres matrizes, **hoje a Capoeira faz parte da rotina do povo porto-alegrense**. Diversos mestres, que tiveram a sua iniciação na década de 1970, continuam colaborando no desenvolvimento da Capoeira através da formação de novos capoeiristas que atuam em diferentes locais da cidade, levando a Capoeira para crianças, jovens e adultos, **através de aulas realizadas em academias, clubes, escolas, espaços culturais e projetos sociais**.

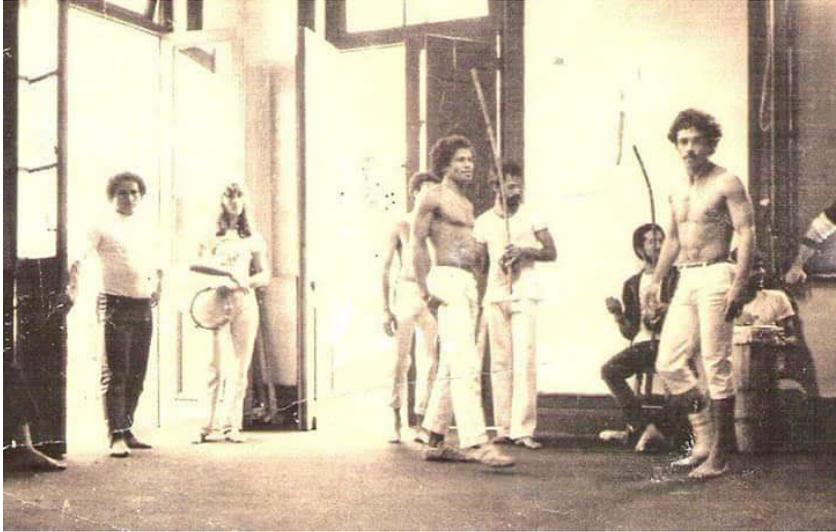
IMAGENS DE ACERVO DOS MESTRES ENTREVISTADOS



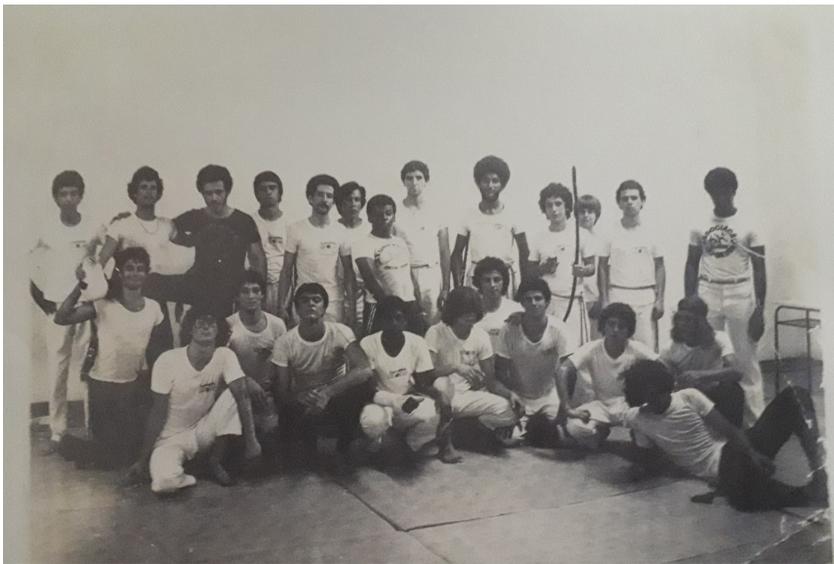




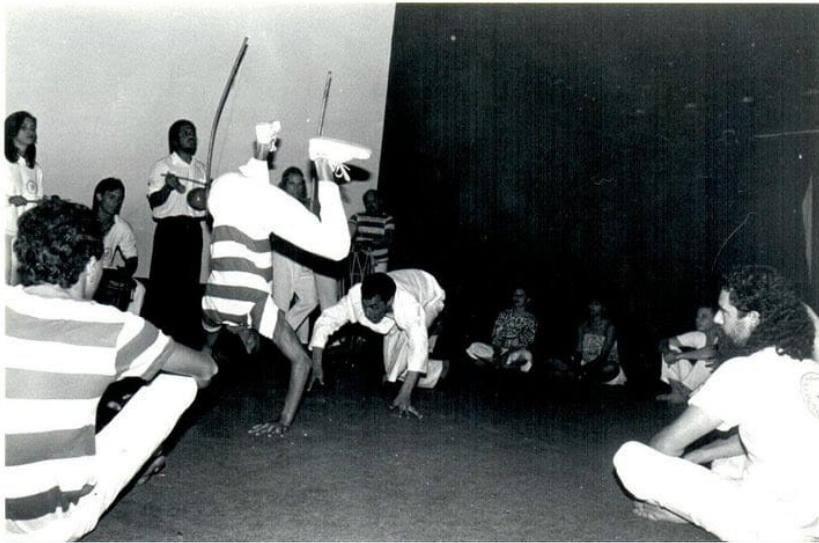








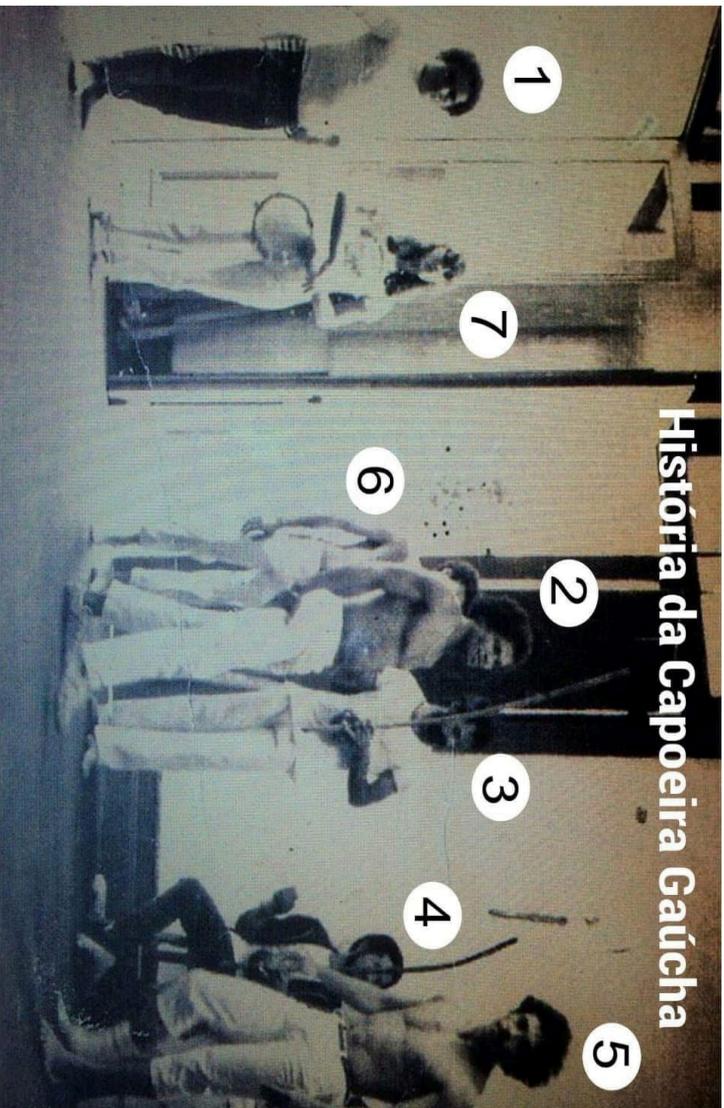




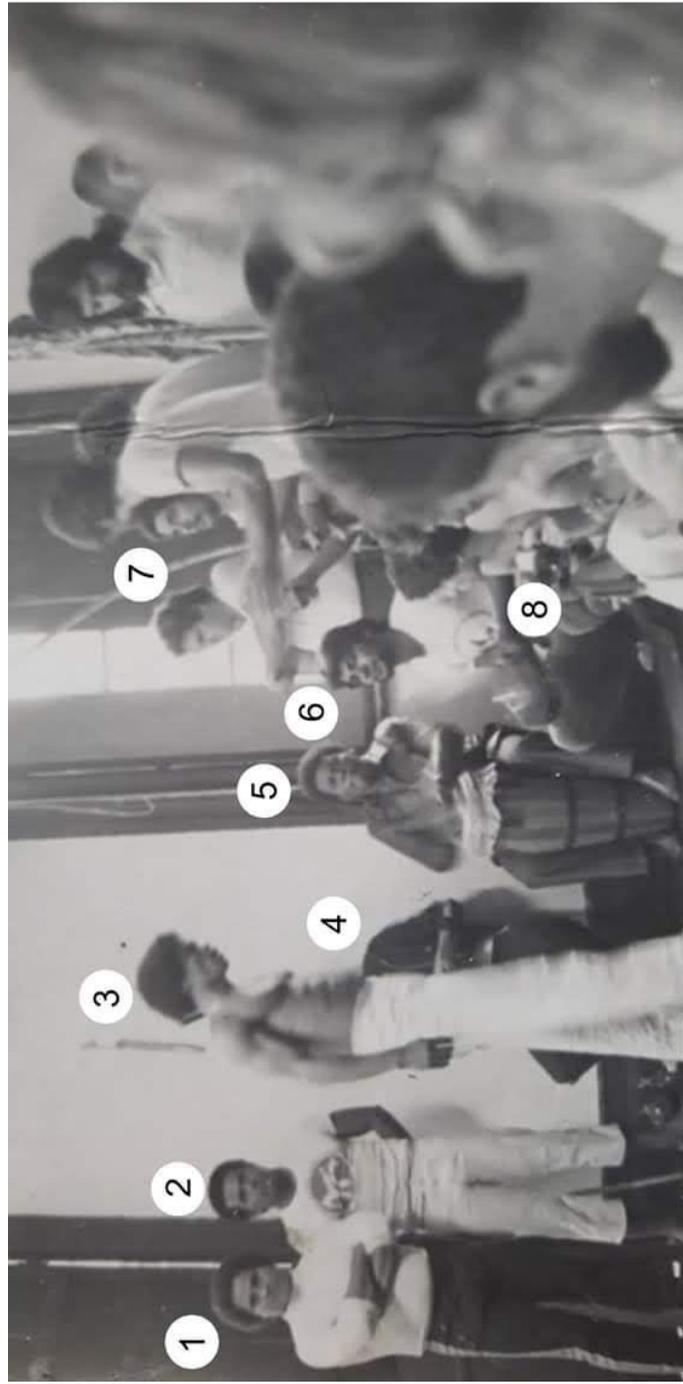




História da Capoeira Gaúcha



- 1 - Mestre Sergipe; 2 - Mestre Índio; 3 - Zebrinha; 4 - Mestre Cerqueira
5 - Mestre Paulinho; 6 - Cyro; 7 - Elaine



1 - Mestre Sergipe 2 - Mestre Piton 3 - Mestre Índio
4 - (encoberto) Mestre Cerqueira 5 - Mestre Souza
6 - Contra Mestre Ferro Velho 7 - CM Odon 8 - CM Jacó





POSFÁCIO
SEMENTE, RAIZ E FRUTO: UMA FOTOGRAFIA DA CAPOEIRAGEM EM
PORTO ALEGRE 50 ANOS DEPOIS

Erico Carvalho¹

Independente de qualquer coisa, a Capoeira em Porto Alegre ainda está viva. Formou muita gente, muito aluno. [...] Ela ainda está viva, tem aluno, tem roda de rua. (Marcelo Freitas).

A Capoeira como muitas outras artes de matriz não ocidental transmite seus ensinamentos através da oralidade², através de ditos, de pequenos ensinamentos, que por sua vez, não estão descolados do cotidiano dos capoeiristas. Pequenos fragmentos, folhas a serem recolhidas, que uma vez somados, compreendidos e assumidos como parte de sua realidade, se desdobram nas práticas e vivências destes coletivos³. O dito, “Árvore sem raiz não fica de pé!”, talvez seja uma das frases mais repetidas, com diferentes adaptações, por aqueles capoeiristas que cultivam a Capoeira como tradição, e poderia bem definir o esforço de pesquisa empreendido por Mestre Guto Obafemí e sintetizado neste pequeno volume.

Esta analogia da árvore, onde a semente gera a planta, e a partir das raízes surgem os ramos, tão cara às tradições ocidentais, e muito presente nas falas dos capoeiristas, só ganha sentido ao tratar de elementos culturais de matrizes africanas e/ou afro-indígenas se considerados não de forma linear, mas sim ecológica, ou seja, não com base em uma hierarquia entre as partes, mas sim como uma unidade interdependente. Neste sentido, as raízes não seriam simplesmente a base que sustenta a árvore, mas a âncora onde a semente foi buscar a firmeza para crescer e

1 Capoeirista da Africanamente Escola de Capoeira Angola, Doutorando do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFRGS), membro do GeAfro – Grupo de Estudos Afro.

2 Entende-se aqui como oralidade, não a primazia da palavra falada, mas do conjunto de relações e experiências desenvolvidas pelo ato da transmissão da fala, não excluindo assim, o uso dos outros sentidos e de formas de mediação como a escrita, o audiovisual e a musicalidade não verbal.

3 Os filósofos ocidentais chamariam estes enunciados de aforismos.

se nutrir, e os ramos, a fonte de energia que sustenta o todo. Da mesma forma, estes ramos que surgem não estariam ligados apenas a uma raiz, mas a várias, sendo fruto da interação entre partes, e até seres distintos, que um olhar colonizado consideraria como separados.

A partir da experiência destes jovens capoeiristas, cuja trajetória transformou em mestres, respeitados por muitos, admirados por outros, mas também criticados por seus adversários, conseguimos traçar linhagens, que longe de remeterem a uma única personalidade, se desdobram em vários conjuntos de relações, que acabam por compor a pessoa das e dos capoeiristas de hoje. Estes, como parte e frutos destas histórias apresentadas, carregam consigo, para bem ou para mal, as marcas dessas relações passadas e presentes. Por vezes na forma de habilidades, interesses e ideias, mas também mágoas e oposições para os quais conceitos como bem ou mau, certo e errado não se aplicam de forma estática, mas sim posicional, como demonstra através do corpo a própria ginga do capoeirista.

Como forma de valorizar estas múltiplas ramificações surgidas a partir destas matrizes (raízes) e a modo de encerramento deste volume, farei dois movimentos. No primeiro, de cunho quantitativo, buscarei expor alguns dados que desenharão uma imagem da capoeiragem porto-alegrense, tanto atual como ao longo do tempo. No segundo, de caráter relacional (mas não genealógico)⁴, buscarei explicitar como cada uma destas matrizes se segmentou e compôs para a criação do quadro atual, assim como foram introduzidos novos atores que trouxeram outras experiências de Capoeira para o campo.

Para isso, tomarei como base os dados produzidos pelo *Mapeamento da Capoeira no Rio Grande do Sul – Módulo I: Região Metropolitana de Porto Alegre* levado a cabo pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e pelo Conselho de Mestres da Salvaguarda da Capoeira do Rio Grande do Sul, entre 2019 e 2021, e do qual tive o prazer de fazer parte⁵. O mapeamento abrangeu Porto Alegre e outros seis municípios que formam o primeiro cordão da Região Metropolitana de

⁴ Assumo aqui que a genealogia constitui uma perspectiva binária da segmentação, que vê as relações de forma estática e unidirecional. Em contraponto, apresento um conjunto de filiações e alianças que se perpetuam e atualizam no tempo de forma contingencial.

⁵ Os dados deste levantamento são de domínio público e estão disponíveis na plataforma SEI no site da instituição.

Porto Alegre, a saber, Canoas, Gravataí, Alvorada, Cachoeirinha, Guaíba e Viamão. Estes municípios foram tomados enquanto conjunto, uma vez que constituem um espaço comum de intensa interação entre os grupos. Também deve se considerar que o mapeamento iniciou suas atividades antes da Pandemia de Covid-19 e mesmo durante esta, manteve seu foco nas rotinas de atividades pré-pandêmicas, o que significa que impacto da pandemia no funcionamento dos grupos ainda não foi totalmente avaliado, mas pode-se dizer que atualmente a maioria pode retomar suas atividades.

Durante este processo, pela necessidade de definir um padrão que atribuisse sentido a uma quantificação da capoeiragem, optou-se por adotar a categoria *grupo* para definir cada conjunto de capoeiristas. Esta categoria foi tomada do uso genérico que esta assume de fato no cotidiano da capoeiragem, sendo de uso corrente e compreensível para qualquer membro dessa coletividade. No entanto, está longe de ser consenso, uma vez que muitos utilizam outros termos para definir-se, como *escola*, *coletivo*, *associação* etc., e isto faz parte da constituição de suas próprias identidades e perspectivas. Neste sentido, o uso deste termo não tem por finalidade desqualificar ou invisibilizar as particularidades das coletividades de capoeiristas que se definem de outra maneira, mas apenas tornar os dados inteligíveis. Para tanto, foram considerados grupos, todos os conjuntos de capoeiristas em atividade no território, que possuem uma identidade particular (via de regra expresso através de um nome e um símbolo) e autonomia em relação aos demais grupos. Assim, podemos diferenciar como *grupo*, o conjunto de cada coletividade, de seus diferentes *núcleos*, ou seja, cada espaço de atividade desta coletividade.

Durante o processo foram identificados 71 grupos, nos sete municípios. E ao menos outros dois surgiram após o fim do processo, em fevereiro de 2021. Um destes através da fusão com outro pré-existente, somando assim 72 grupos. A distribuição é bastante desigual, com mais da metade se concentrando em Porto Alegre, com 42 grupos, seguida de Canoas com 9 grupos, Gravataí com 6 grupos, Alvorada com 5 grupos, Cachoeirinha com 4 grupos e finalmente Guaíba e Viamão com 3 grupos cada. Aqui estão contabilizados apenas os grupos com base em seu local de origem e/ou sede e não os núcleos presentes em outros municípios.

Deve-se observar que dos 72 grupos identificados, apenas 58 participaram do mapeamento através da entrevista de suas lideranças. Outros 14

grupos não o fizeram por motivos diversos, que vão desde a oposição aberta à realização do mesmo, desconfiança e receio de partilhar informações tão delicadas ou tentativas infrutíferas de contato por parte da equipe. Desta forma os dados que seguem, dizem respeito a um universo de 58 grupos.

Quanto ao estilo de Capoeira, quer dizer a forma em que é praticada a Capoeira em cada grupo podemos dividi-los em 6 categorias autodeclaradas: Capoeira Angola (17 grupos), Capoeira Contemporânea (13 grupos), Capoeira de Rua (11 grupos), apenas Capoeira (7 grupos), Capoeira Regional (5 grupos) e Outros (5 grupos). Esta última categoria inclui cinco casos que aparecem apenas uma vez: sem estilo; todos os estilos; anglo-regional; angola e regional; e estilo próprio. Este tipo de classificação constitui, um tema delicado, pois envolve identidades, disputas e diferentes concepções sobre as mesmas categorias. Por outro lado, cerca de 1/4 dos entrevistados, mesmo assumindo um estilo, relativizou sua resposta, considerando como um tema que poderia ser minorizado por ser algo datado e localizado, ou seja, algo que pertence a um momento e lugar específico e que acabou repercutindo para além do necessário.

Um olhar histórico e linear nos mostra que houve uma constância positiva na formação da Capoeira desde os anos de 1970 até a atualidade, em outras palavras a capoeiragem de Porto Alegre cresceu de maneira constante e cumulativa. Dois dados são interessantes para observar esta constância. O primeiro toma como base a data de iniciação das atuais lideranças no mundo da Capoeira, e o que observamos é uma divisão quase igualitária ao longo de três décadas: 31% iniciaram na década de 1970, 39% iniciaram na década de 1980 e 30% iniciaram na década de 1990. O que também nos faz pensar que as novas gerações de capoeiristas a assumirem a liderança dos grupos ou fundarem seus próprios estão neste momento em plena formação.

O segundo dado, diz respeito ao ano de fundação dos atuais grupos. Onde igualmente podemos observar uma constância cumulativa. A partir de 1978 temos o surgimento de 1 e 2 grupos ao ano até o início da década de 1990, com um leve pico em 1995 (com 5 grupos), a partir de 1997 mantendo-se entre 2 e 3 até 2010, ano em que há outro pico (com 4 grupos). A partir daí surgem novos grupos, porém sem a constância observada anteriormente. Esta observação não inclui grupos surgidos e

extintos ao longo do tempo, seja pela falta de informação acerca dos mesmos, seja porque em muitos casos os grupos são extintos para dar lugar a outros grupos com os mesmos integrantes, neste sentido, contabilizá-los incidiria na sobreposição de informações e conseqüentemente em um inchamento e distorção dos dados. Também deve-se considerar que há zonas cinzas, onde não se pode definir se o grupo já estava constituído, foi extinto ou apenas está em uma pausa das atividades devido a circunstância da vida de suas lideranças e demais membros.

Este mesmo dado ainda demarca a formação da capoeiragem de Porto Alegre e cidades vizinhas, permitindo diferenciar entre grupos cuja sede está fora da cidade (via de regra em outro Estado) e aqueles criados na região. Se em um primeiro momento a tendência era que as lideranças dos grupos viessem de fora e estabelecessem um trabalho na capital, com o tempo esta dinâmica tornou-se cada vez mais esporádica, prevalecendo a criação de grupos locais, o que caracteriza o crescimento da prática da Capoeira em uma área. Atualmente apenas 10 dos 58 grupos (17%) em atividade são núcleos de grupos mais amplos, enquanto os outros 48 grupos (83%) foram criados na região.

O mapeamento também permitiu identificar ao menos 310 espaços de ensino de Capoeira no território, alguns gerenciados pelas lideranças, outros por seus alunos. Os espaços físicos ocupados por estes grupos, são sobretudo escolas (44%), sendo a metade delas de caráter privado, seguido por associações (11%), ONGs (12%), propriedades das lideranças (6%), academias e centros esportivos (6%), espaços cedidos por particulares (4%), centros esportivos e ginásios (3%), espaços alugados (2%) e clubes sociais (1%). Um olhar atento a estes números permite observar que na prática ao menos a metade destes espaços são de acesso público, algo bastante positivo considerando os aspectos educativos da Capoeira. Outro dado menos animador é que apenas 8% dos grupos conseguiram, ao longo do tempo, constituir espaços próprios (incluindo alugados) para levar a cabo suas atividades. O que é considerado por mais da metade dos entrevistados uma das condições mais desejadas e menos realizável⁶.

⁶ Durante as entrevistas foram abordados temas como dificuldades enfrentadas pelos grupos e elementos que ajudariam os grupos a desenvolverem suas atividades. O tema do espaço próprio foi o segundo mais citado, logo atrás da necessidade de recursos públicos para desenvolver atividades gratuitas.

A territorialização da Capoeira na cidade é outro elemento a ser considerado. Neste sentido, as rodas de rua se mantêm no tempo como o principal elemento de apropriação dos espaços públicos da cidade pelos capoeiristas, e alguns dos espaços já citados no trabalho de Mestre Guto, não apenas mantiveram a tradição das rodas como as multiplicaram. Espaços como a Redenção⁷, o Mercado Público de Porto Alegre, a Esquina Democrática⁸ seguem sendo pontos de referência para os capoeiristas, principalmente por estarem associados diretamente com a população afrodescendente da cidade. Somando-se a estes, atualmente se realizam rodas de rua na orla do rio Guaíba junto a Usina do Gasômetro; na estação de trens Mathias Velho, no Calçadão⁹ e no Parque Getúlio Vargas em Canoas; na Praça Júlio de Castilhos em Viamão. Dentre outros espaços de forma menos frequente. Seria importante observar que apesar do aumento no número de rodas de rua e o crescimento exponencial dos grupos, estes seguiram a tendência da prática da Capoeira em espaços fechados e, portanto, a grande maioria das rodas ainda ocorrem nestes espaços¹⁰.

Os números aqui expostos nos dão uma ideia da dimensão e extensão que a Capoeira tomou em solo gaúcho. Algo impressionante se considerarmos que o Rio Grande do Sul é o Estado mais austral do Brasil e sua formação política e cultural tendeu a ignorar e invisibilizar a contribuição do negro. Um olhar mais atento à gênese dos grupos atuais também pode ser muito esclarecedor do ponto de vista relacional. Apesar de ser possível uma diversidade de modelos, adotarei aqui as matrizes (raízes) propostas pelo trabalho de Mestre Guto, cruzando-os com as informações coletadas durante o processo de mapeamento.

Assumindo que Mestre Cau e com ele o ogã Vadinho, foram os primeiros professores de Capoeira, podemos considerar alguns dos seus alunos também como os primeiros capoeiristas da cidade. Destacam-se entre eles Mestre Churrasco, que também chegou a treinar com Mes-

7 Este parque, chamado oficialmente de Parque Farroupilha, é palco, nos fins de semana de uma série de rodas, em seus diferentes setores. A mais longeva e assídua é a chamada Roda do Chafariz.

8 Cruzamento da Rua dos Andradas com a Avenida Borges de Medeiros.

9 Como é conhecida a Rua Tiradentes no Centro de Canoas.

10 A grande maioria dos grupos realizam rodas periódicas abertas ao público, ou a convidados, ou fechadas, ou seja, apenas para membros do grupo.

tre Miguel Machado do Grupo Cativoiro¹¹ e foi o primeiro a ensinar na periferia de Porto Alegre, criando ali a ACAZUP¹². Esta associação que deu origem a mais um grupo, o Iê Dá Volta ao Mundo¹³, liderado por seu irmão Mestre Bartelemei e por Mestre Erasmo. Outra referência proveniente da periferia de Porto Alegre foi Mestre Renato Beabá, fundador da Escola Beabá¹⁴, que aprendeu seus primeiros movimentos de Capoeira com um companheiro da juventude, Mestre Paulo de Jesus, passando por Mestre Churrasco. Posteriormente seria o responsável pela primeira vinda para Porto Alegre de Mestre Renê Bittencourt, da ACANNE¹⁵ de Salvador/BA.

Também se destaca Mestre Ratinho, que na juventude, após aprender com Mestre Cau, Mestre Monsueto e Mestre Índio foi um dos responsáveis pela criação do grupo Filhos da Vivência¹⁶, junto com outros companheiros de capoeiragem. Com a chegada de Mestre Miguel, filiou-se ao grupo Cativoiro e na década de 1990, criou a ACCARA ou Rabo de Arraia¹⁷, como é mais conhecido, dedicando-se assim à prática da capoeira Angola e assumindo Mestre Moa do Katendê como referência.

A chegada de Mestre Índio trouxe a noção de Grupo de Capoeira como a conhecemos hoje para a capoeiragem de Porto Alegre. Não sem antes ensinar Capoeira em vários espaços da cidade. Porém de forma muito particular, o grupo Filhos de Oxóssi, se segmentou e formou uma série de subgrupos autônomos com uma identidade própria, não sob a liderança de Mestre Índio, mas sob a sua orientação. Esta dinâmica acabou de se consolidar com a extinção do grupo Filhos de Oxóssi e a criação do “Grande Grupo Capoeira Oxóssi”, como se referem alguns dos seus membros, na forma de um *grupo guarda-chuva* que abarca todos os subgrupos criados.

Durante o mapeamento foram entrevistados ao menos 8 lideranças da linhagem de Oxóssi, entre eles estão: Mestre Jacaré (Capoeira

11 Grupo Cativoiro Capoeira – Associação Desportiva e Cultural.

12 Associação de Capoeira Angola Zumbi dos Palmares, fundada em 19....

13 Associação Cultural de Capoeira Iê Dá Volta ao Mundo fundada em 2000.

14 Escola do Bê-a-Bá de Angola: Malta dos Guris e Gurias de Rua fundada em 1988.

15 Associação de Capoeira Angola Navio Negroiro, fundada em 1986.

16 Associação de Capoeira Filhos da Vivência, fundada em 1981.

17 Associação Cultural de Capoeira Angola Rabo de Arraia fundada em 1995.

Discípulos de Oxóssi), Mestre Soneka (Norte Sul Capoeira Oxóssi), Mestre Tayson (Capoeira Preto Rico de Oxóssi¹⁸), Mestre Bonito (Grupo de Capoeira Ilê de Oxóssi), Mestre Saracura (Escola de Capoeira Malemolência), Contramestre Dhalçim, representando Mestre Fumaça (Porto Brasil Capoeira), Contramestra Cris Yabá (Grupo Cultural Oxóssi) e Professora Karen (Grupo de Capoeira Motumbá Oxóssi).

Outras 5 lideranças associadas a linhagem de Oxóssi foram localizadas, porém não puderam ser incluídos no mapeamento por motivos variados, conforme explicado acima. Dentre estas inclui-se Mestre Farol fundador Escola de Capoeira Guerreiros (antes denominada Guerreiros da Libertação), um dos primeiros alunos de Mestre Índio que teve um papel importante na difusão da Capoeira em comunidades periféricas do Estado. Dentre os alunos de Mestre Farol, que criaram seus próprios grupos, estão, Mestre Jurandir da Associação Luz Capoeira¹⁹, Mestre Mano do Grupo Capoeira Guaíba, Contramestre Cobra da Associação Arte Nova Capoeira e Mestre Gato Preto, fundador do Grupo Guarda Negra²⁰, neste grupo Mestrando Soldado, babalorixá e fundador do grupo Canjerê, iniciou a prática da capoeira, e posteriormente passou a treinar com Mestre Klaithy do grupo Sisal de Gravataí. Outra liderança que esteve muitos anos no grupo Guerreiros da Libertação foi Mestre Bolívar, que antes havia aprendido Capoeira em Niterói/RJ e treinou dois anos com Mestre Cerqueira. Após sair do grupo Guerreiros funda o Grupo Olufê²¹. Um de seus alunos, Mestre Marcelo, que também esteve no Grupo Guerreiros da Libertação, recentemente fundou o próprio grupo chamado Ao Pé do Berimbau²².

Outras duas lideranças relevantes da linhagem de Oxóssi são, Mestre Kunta Kintê do grupo Raízes do Sul e Mestre Karcará do grupo Oxósse²³, este último não foi contabilizado neste mapeamento por desenvolver seu trabalho no Norte do Estado, mas teve um papel

18 Associação Cultural Esportiva de Capoeira Preto Rico de Oxóssi.

19 Associação Cultural e Esportiva Liberdade, União e Zelo, fundada em 2008.

20 AGNC – Associação Guarda Negra Capoeira, fundada em 1995. Não deve ser confundida com o grupo Filhos da Guarda Negra, fundado pelo Contramestre Ferro Velho em 1983 e extinto com seu falecimento.

21 Grupo Idajó Olufé Imó Capoeira, fundado em 1997.

22 Associação de Capoeira no Pé do Berimbau, fundada em 2019.

23 Grupo Internacional de Capoeira Oxósse.

central na difusão da Capoeira na Zona Metropolitana de Porto Alegre. Já Mestre Kunta, que chegou a assumir as atividades do grupo na ausência de Mestre Índio, afastou-se do grupo Oxóssi e iniciou o aprendizado da Capoeira Angola. Hoje o Mestre vive no litoral gaúcho e seu aluno, o Contramestre Jean Sarará coordena as atividades do grupo em Porto Alegre.

Como já supra indicado, outra grande referência para muitos capoeiristas da região foi Mestre Monsueto, que iniciou suas aulas na célebre academia Kidokan por onde muitos jovens capoeiristas passaram. O Mestre também foi responsável durante muitos anos por orientar um grupo de capoeiristas do município de Canoas liderado por um jovem chamado Macaô, hoje lembrado como Mestre Macaô. Juntos criaram o grupo Casa Grande. Este grupo de jovens posteriormente se filiou a Mestre Nô do grupo Palmares e o nome Casa Grande foi levado adiante por Mestre Monsueto. Hoje, após o falecimento do Mestre, o grupo é liderado, no município de Viamão, pelo Contramestre Billy. Já o grupo Palmares em Canoas, hoje liderado por Mestre Dindo, se segmentou paulatinamente à medida que seus membros mais antigos formavam seus próprios grupos, como o Capoeira Angola Brasil²⁴ de Mestre Alfredo e Mestre Heitor, o Liberdade e Casa Grande²⁵ de Mestre Dentinho e o grupo Capoeira Angola Tradição²⁶ de Mestre Bira.

O grupo de Mestre Cerqueira, por sua vez, representado neste volume por Contramestre Jacó e Professor Odon (fundadores do Grupo Capoeirando, no final dos anos de 1980, posteriormente Associação Capoeirando), foi nomeado Grupo Conesul em 1992 e permanece até hoje em atividade na Zona Norte de Porto Alegre sob orientação de Mestre Silvio e do Contramestre Adriano. O espaço da academia Kidokan foi um ponto de referência para muitos capoeiristas que frequentavam as aulas e rodas de Mestre Cerqueira. Um destes, foi o Professor Renatinho que posteriormente passou a praticar a Capoeira Angola, assumindo como referência Mestre Lua de Bobó e fundou seu próprio grupo, o Sabedoria Popular²⁷.

24 Fundado em 1996.

25 Associação Cultural Brasileira de Capoeira Angola Liberdade Casa Grande, fundada em 1995.

26 Fundado em 2005.

27 Grupo de Capoeira Angola Sabedoria Popular, fundado em 2001.

O grupo Netos da Muzenza, hoje Muzenza, após a partida de Mestre Paulinho Mato Grosso continuou em atividade na cidade sob a liderança de seus quatro mestres, Mestre Peixinho Moreno, Mestre Carson, Mestre Grego e Mestre Fouad, e dois contramestres, Contramestre Cabeça e Contramestre Leão. Além destas, outras importantes lideranças da cidade iniciaram na Capoeira nas aulas de Mestre Paulinho, e iniciaram suas próprias caminhadas na busca de outras referências, como Mestre Delmar Perroni do grupo Esporte Nacional²⁸, Mestre Fabinho do grupo Pesquisa e Fundamento²⁹ e Mestre Baptista do grupo Mocambo³⁰, que passou a praticar a Capoeira Angola e ligou-se a Mestre Barba Branca, do grupo Cabula. Também este é o caso de Mestre Tucano que após acompanhar o Contramestre Ferro Velho para fundar o grupo Filhos da Guarda Negra, e liderar o grupo Nação no Estado, fundou seu próprio grupo, o Capoeira Camboatá³¹.

O grupo Nação³² seguiu e hoje tem como referência Mestre Grande, que permaneceu no grupo após a saída de Mestre Tucano. Outro ex-membro do grupo foi Mestre Jé, que antes havia iniciado a Capoeira em Santa Cruz do Sul com um membro do grupo Filhos de Oxóssi, passando pelo grupo Capuraginga de Minas Gerais, chegando ao Nação e com saída de Mestre Tucano, se filiou ao grupo Água de Beber³³, de Mestre Vuê de Petrópolis/RJ. Do próprio Camboatá saíram outras lideranças como Mestra Didi, de Porto Alegre, hoje liderança local do grupo Herança Cultural³⁴, Mestre Tamanduá, fundador do Ilê do Capoeira³⁵, Mestre Mano do grupo Capoeira Cativos³⁶ e seu ex-aluno Contramestre Pedrinho do grupo Nossas Raízes³⁷, que podem ser considerados como produto do trabalho de Mestre Tucano e seu irmão, Mestre Chinês, na região de Cachoeirinha e Gravataí.

28 Associação Esporte Nacional Capoeira, fundada em 1995.

29 Fundado em 1998.

30 Grupo de Capoeira Angola Mocambo, fundado em 1989.

31 Fundado em 2003.

32 Fundado por Mestre Pop em Florianópolis/SC no início da década de 1980.

33 Escola de Capoeira Água de Beber, fundada por Mestre Vuê em 1998.

34 Associação Herança Cultural Capoeira fundada por Mestre Catitu em Guarulhos/SP em 1991.

35 Centro Cultural Ilê do Capoeira, fundado em 2014.

36 Associação Cultural Capoeira Cativos, fundada em 2001.

37 Fundado em 2010.

Destaca-se ainda Mestre Nino Alves um dos capoeiristas mais antigos da cidade, que após sair do Muzenza, foi responsável por trazer para o Estado o Grupo Abadá, de Mestre Camisa, hoje liderado localmente por três professores, Sorridente, Batman e Coelha. O grupo Abadá ainda se segmenta no grupo A.C.A.P.O.E.I.R.A.³⁸ liderado, no Estado, por Mestre Gororoba que se filiou ao grupo após deixar a liderança do Abadá.

Seria importante ressaltar o protagonismo que assumiu o grupo Filhos da Vivência durante todo este processo, pois plasma os percursos de jovens capoeiristas por diversos espaços até a constituição de suas próprias propostas. Na busca de uma referência, Ratinho, Mano e Sérgio Zebra entre outros, contataram vários mestres com diferentes propostas de capoeira, como Mestre Índio, Mestre Tarzan, Mestre Miguel e Mestre Canhão. Destes, Mestre Canhão, que foi aluno de Mestre Bimba, assumiu a orientação do grupo em 1983. O grupo permanece até hoje sob a liderança de Mestre Mano. Pelo Filhos da Vivência passaram outros capoeiristas que fundaram seus próprios grupos, como o Professor Camarão do Grupo Alvorecer Capoeira, hoje ligado a Mestre Bira, e o Contramestre Pastel que se filiou ao grupo Mandinga de Mestre Maurão³⁹, ambos de Alvorada e ex-alunos do Contramestre Munique, que até onde sabemos foi a primeira pessoa a dar aulas na cidade. Em Guaíba também encontramos o Professor Ducão fundador do grupo Arte Nativa, que foi aluno do Mestrando Carvão, também outro ex-membro do grupo. É digno de nota que Sérgio Zebra, outro membro fundador do Filhos da Vivência, foi contemporâneo de Mestre Macaô no ensino de Capoeira em Canoas, iniciando Mestre Chuka liderança do Grupo Pretos Velhos da Vivência⁴⁰, que após passar por vários grupos já citados como o Casa Grande, Oxossé, Palmares e Liberdade e Casa Grande, fundou seu próprio grupo.

Tendo sido o último desta geração a chegar à cidade, Mestre Miguel Machado se depara com um campo já constituído, mas en-

38 Associação Cultural Artística Popular Orientada ao Esporte e de Incentivo às Raízes Afro-brasileira, fundada por Mestre capixaba em 2009, após sair do grupo Abadá.

39 Grupo Capoeira Mandinga de São Paulo/SP.

40 Associação de Capoeira Pretos Velhos da Vivência, fundada em 2011.

contra seu nicho junto a capoeiristas que buscavam uma referência negra, com um discurso de consciência racial e de classe, juntando jovens capoeiristas da periferia e/ou politicamente engajados. Hoje o grupo Cativoiro permanece ativo sob a orientação de Mestre Treze e Mestre Ivonei, ambos ex-alunos de Mestre Churrasco. No entanto, outras lideranças da atualidade passaram pelo grupo, como o já citado Mestre Ratinho; Mestre Jaburu, que aprendeu capoeira na juventude nas ruas do Rio de Janeiro e após treinar com Mestre Miguel e participar da criação da ACCARA junto com Ratinho, funda seu próprio grupo de Capoeira Angola, o Guayamuns⁴¹; Mestre Babalu, que após se afastar do grupo Cativoiro foi convidado a dar aulas para um grupo de jovens, surgindo assim o Grupo Aruanda Capoeira; e mais recentemente o Mestre Paulo Varella, ex-aluno de Mestre Treze que funda o grupo Sul Capoeira.

Entre os anos de 1990 e o começo dos anos 2000, Porto Alegre viveu o que muitos capoeiristas chamam de o “boom da Capoeira”. Segundo os relatos, a Capoeira havia se tornado uma “moda” e os grupos estavam cheios de alunos. Somando-se a isso o incremento de políticas públicas na cidade, ampliou a oferta de aulas de Capoeira. Com o campo já estabelecido e ampliado, novos grupos surgiram e muitos capoeiristas transitaram desde ou para o Sul do país para participar de eventos ou mesmo para dar aulas. Neste contexto, a Capoeira Angola se estabelece a partir da chegada de capoeiristas de linhagens já estabelecidas e a mudança no padrão das relações, se antes a Capoeira Angola surgia a partir de uma relação de referência, quer dizer sem se filiar ao grupo do mestre referente, a partir de agora, prevalecia a dinâmica de filiação⁴².

Neste trecho a própria trajetória de Mestre Guto é interseccionada por estes trânsitos. Uma vez que iniciou a prática da Capoeira com Professor Fernando Braga do grupo Cativoiro, seguiu com Mestre Ratinho com a fundação da ACCARA, até conhecer Mestre Renê Bittencourt da ACANNE, e fundar seu próprio grupo, a Africanamente

41 Movimento Cultura de Capoeira Angola Guayamuns, fundado em 2006.

42 Entende-se aqui como *filiação* o ato de assumir a identidade de um grupo pré-existente, quer dizer, entrar para o grupo, em contraposição a ideia de *referência*, quer dizer assumir um mestre como orientador, como exemplo a ser seguido sem, no entanto, perder a própria identidade e autonomia enquanto grupo.

Escola de Capoeira Angola, em 2003, ainda sob a orientação de Mestre Renê. Além de Mestre Guto, Mestre Roberto Bahia, na época um jovem de Viamão, que havia aprendido com outro jovem capoeirista chamado Alexandre Tarragô e que junto com alguns amigos havia fundado o grupo Cultura Popular, se aproxima de Mestre Renê e o toma como referência.

Outra liderança que se estabeleceu na cidade foi a maranhense Mestra Elma, na época professora, que se uniu a um pequeno grupo de jovens porto-alegrenses ligados à somaterapia para dar aulas de Capoeira Angola, surgindo assim o Solta a Mandinga. Logo depois, Elma deixa o grupo e funda outro chamado Nzambi⁴³, hoje coordenado em Porto Alegre pela Contramestra Vivi Malheiro. O restante do grupo, por sua vez, se filiou a Mestre Boca do Rio e formou um núcleo do grupo Zimba⁴⁴, que por sua vez surgiu a partir da segmentação do GCAP – Grupo de Capoeira Angola Pelourinho, de Mestre Moraes, um dos grupos de Capoeira Angola mais legitimados do país, que neste momento encontrava-se no seu auge.

Neste mesmo período, outro grupo ligado ao GCAP se estabelecia na cidade, o grupo Egbé Obá Dmeji, sob a orientação de Mestre Joca. A partir da experiência deste, são criados outros três grupos: o Angola Janga, o Oluwadi, e o Xirê de Angola. Recentemente os dois últimos se uniram e fundaram o Capoeira Angola Malungos, ainda sob a orientação de Mestre Moraes.

Observando a expansão da Capoeira para os municípios vizinhos a Porto Alegre (e na própria periferia da cidade), guardadas as devidas particularidades, podemos ver uma mudança radical no público, concentrando-se sobretudo em zonas periféricas, para uma população de baixa renda e ligada a projetos sociais, divergindo da Capoeira da capital que ainda hoje permanece ligada em sua grande parte a um público de classe média, sobretudo no caso da Capoeira Angola. Por outro lado, podemos observar a inconstância da permanência dos capoeiristas nos grupos, o que em parte pode indicar algo já observado nas primeiras décadas da Capoeira de Porto Alegre e que caracterizaria uma capoeiragem ainda em formação, e por outro,

43 Associação Cultural de Capoeira Angola Nzambi, fundada em 1998.

44 Grupo de Capoeira Angola Zimba.

demarca a própria instabilidade social e a dureza na vida nestas áreas. Como exemplo disso, posso citar o caso de três jovens lideranças que após circular por vários grupos estabeleceram seus próprios espaços: Contramestre Samir, Professora Mari e Professor Buiú.

O Contramestre Samir, iniciou a Capoeira em um projeto social do grupo Abadá em Gravataí, que logo foi encerrado, passado assim a treinar no grupo Raízes do Professor Sagui (também conhecido como Promessa), que logo encerrou suas atividades também, fazendo com que o jovem capoeirista passasse anos circulando por outros grupos como Oxóssi, Sul Brasil, Capoeira Guaíba e Muzenza na companhia de Coyote, hoje Mestre Coyote, que logo criou um grupo chamado Capoeira Yeshua, de curta duração, e retomou as atividades do grupo Raízes com a devida autorização de Professor Sagui. Já como contramestre, Samir fundou seu próprio grupo, o Nova Nação, e atualmente está filiado ao grupo Gunga Nagô de Mestre Kadu de Florianópolis/SC. A Professora Mari, por sua vez, liderança da Associação Cultura e Cidadania, começou a Capoeira com Mestre Ratinho, passando por diversos grupos como o Aruanda, Guarda Negra, Dança do Matagal e Capoeira Brasil até fundar seu próprio trabalho tendo como referência Mestre Hulk. Da mesma forma o Professor Buiú, iniciou com o Mestre Celso do Grupo Oxósse de Mestre Karcará, e seguiu sendo orientado por diversos mestres do grupo Oxóssi até ingressar no grupo Canavial de Contramestre Sombra, que logo se filiou e passou a representar o grupo Cordão de Ouro em Gravataí. Hoje Buiú lidera o grupo sob a orientação de Mestre Máscara de São Paulo.

Como já anunciado, este conjunto de dados, ainda que ligeiros, não consiste em uma história da Capoeira de Porto Alegre (este trabalho ainda está por ser feito) mas explicita parte da complexidade das relações na capoeiragem, e busca afastar noções puristas e essencialistas que por muito tempo foram utilizadas como ferramentas de controle da população afrodescendente e de suas práticas. A confusão inerente a este tipo de exposição, é resultado da própria experiência da capoeiragem, afinal, como explicar em palavras o que é construído e pensado pelo corpo. Neste sentido, penso que este tipo de síntese, ainda que através de um olhar inventarial, pode contribuir para que os jovens capoeiristas de hoje olhem com mais consideração e respeito

aqueles que vieram antes. Por último, esperamos que estes esforços de pesquisa materializados neste conjunto de textos, possam servir como primeiro passo e incentivo para produção de outras análises desde outros pontos de vista, e que tudo isso sirva para a ampliação do conhecimento sobre nossas próprias histórias. Afinal de contas, “Árvore sem raiz não fica de pé!”.

Buenos Aires, dezembro de 2022.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maíra Lopes. **Os efeitos político-pedagógicos produzidos pela prática da capoeira no contexto escolar: a compreensão dos coletivos docentes de duas escolas da RME-POA.** [Dissertação de Mestrado]. Porto Alegre: UFRGS, 2017.

BATISTA, Silvio Pereira. **A capoeira, uma arte representativa da cultura brasileira.** [Trabalho de Conclusão de Curso]. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

BARBOSA, Viviane Malheiro. **Mulher na roda: experiências femininas na Capoeira Angola de Porto Alegre.** [Dissertação de Mestrado]. Porto Alegre: UFRGS, 2017.

BARBOSA, Viviane Malheiro. **Capoeira Angola na escola: uma alternativa à formação integral dos estudantes.** [Trabalho de Conclusão de Curso]. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

COSTA, Adélia Kervalt. **A prática da capoeira nas Escolas Especiais da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre.** [Trabalho de Conclusão de Curso]. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

CHURRASCO, Mestre. **Depoimento 2010 - Caxias do Sul.** Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2010.

DORNELLES, Ederson Alberto Teixeira. **Monsueto, Nino Alves e Churrasco: a reconstrução da história dos primeiros mestres de capoeira em solo gaúcho.** [Trabalho de Conclusão de Curso]. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

ESTANISLAU, Jefferson. **O legado de Mestre Mendonça para a capoeira.** 2017. Disponível em <http://www.rodadecapoeira.com.br/artigo/O-Legado-de-Mestre-Mendonca-para-a-Capoeira/0>.

FALCÃO, José Luiz Cirqueira. **O jogo da capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana.** [Tese de Doutorado]. Salvador: UFBA, 2004.

FERREIRA, Janine de Carvalho; SALDANHA, Braga Bianca de Souza. Capoeira: da criminalização no código penal de 1890 ao reconhecimento como esporte nacional e legislação aplicada. In: SANTIN, Janaina Rigo; RUIZ, Ivan Aparecido (Orgs.). **Direito, Arte e Literatura II.** João Pessoa: CONPEDI, 2014. Pp. 117-142.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. **To-
poi**, v. 3, n. 5, pp. 314-332, 2002.

GRAVINA, Heloisa. **Por cima do mar eu vim, por cima do mar eu vou
voltar: políticas angoleiras em performance na circulação Brasil-França**.
[Tese de Doutorado]. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Dossiê.
Inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cul-
tural do Brasil**. Ministério da Cultura: Brasília, 2007.

JAQUEIRA, Ana Rosa; ARAÚJO, Paulo Coêlho. Análise praxiológica do pri-
meiro regulamento desportivo da capoeira. **Revista Movimento**, v. 19, n. 2,
pp. 31-53, 2013.

MEDEIROS, Sabrina Toledo. **Patrimônio cultural imaterial: reflexões so-
bre identidade, gênero e suas representações na roda de capoeira**. [Traba-
lho de Conclusão de Curso]. Porto Alegre: UFRGS, 2017.

MONSUETO, Mestre. **Depoimento, 2010 – Viamão**. Centro de Memória
do Esporte – ESEF/UFRGS, 2010.

NETO, Alvaro Rego Millen; GARCIA, Roberto Alves; VOTRE, Sebastião
Josué. Artes marciais mistas: luta por afirmação e mercado da luta. **Revista
Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 38, n. 4, pp. 407-413, 2016.

OLIVEIRA, Vinicius. **Sobre águas revoltas: cultura política maruja na ci-
dade portuária de Rio Grande/RS (1835-1864)**. [Tese de Doutorado em
História]. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

OLIVEN, Ruben George. A invisibilidade social e simbólica do negro no
Rio Grande do Sul. In: LEITE, Ilka Boaventura (Org.). **Negros no Sul do
Brasil: invisibilidade e territorialidade**. Ilha de Santa Catarina, Letras Con-
temporâneas, 1996. Pp. 13-32.

PERKOV, Paulo Lara. **Capoeira, possibilidade de educação emancipatória
junto a jovens de classes populares?** [Dissertação de Mestrado]. São Leopol-
do: Unisinos, 2012.

PLACEDINO, Fernando Campiol. **Capoeira escolar: a arte popular para
uma educação ético-estética**. [Dissertação de Mestrado]. Porto Alegre: PUC-
-RS, 2014.

POGLIA, Marco Antonio Saretta. **Todo mundo não é um, paraná! Uma perspectiva etnográfica sobre a capoeira angola.** [Dissertação de Mestrado]. Rio de Janeiro: UFF, 2014.

POGLIA, Marco Antonio Saretta. **A capoeira angola em Porto Alegre.** Artigo produzido como síntese do projeto “A capoeira angola em Porto Alegre”, aprovado no Concurso Décio Freitas 2011 realizado pelo Fundo Municipal de Apoio à Produção Artística e Cultural de Porto Alegre. Porto Alegre, 2012. (No Prelo)

POGLIA, Marco Antonio Saretta. **Mandinga, malícia e manha por uma cosmopolítica angoleira.** [Trabalho de Conclusão de Curso]. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

RIBEIRO, Simone. **Uma pedagogia em movimento: contribuições da capoeira na construção da autonomia.** [Trabalho de Conclusão de Curso]. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

SANHUDO, Ary Veiga. **Porto Alegre: crônicas de minha cidade.** Vol. 2. Porto Alegre: IEL/Ed. Movimento, 1975.

SANTOS, Luiz Silva. **A capoeira como opção de educação física infantil no ensino de Primeiro Grau.** [Dissertação de Mestrado]. Porto Alegre: UFRGS, 1987.

SIEGA, Carson Luiz. **Capoeira, corpo, espiritualidade: as percepções de corpo, ethos e visão de mundo de crianças, de dez a doze anos, praticantes de capoeira em uma Escola Municipal de Porto Alegre: um estudo de caso.** [Dissertação de Mestrado]. Faculdades EST, São Leopoldo: EST, 2007.

SILVA, Jorge Luiz Teixeira da. **Capoeira e identidade: Um olhar ascógeno do racismo e da identidade negra através da capoeira.** [Dissertação de Mestrado]. São Leopoldo: EST, 2007.

TEIXEIRA, Lucas da Silva. **Projeto de ensino para aulas de língua portuguesa: diálogos entre a roda de capoeira, a poesia e a crônica.** [Trabalho de Conclusão de Curso]. Porto Alegre: UFRGS, 2018.

REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS

ANGOLA POA. **Expressões da Capoeira Angola em Porto Alegre**. Disponível em <https://www.youtube.com/@angolapoa264>

Jovani Scherer e Mestre Guto: **Histórias da Capoeira em Porto Alegre no Século XIX - 1ª Parte**. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=r-kuvt_n2kml

Marco Antônio Pogliá e Mestre Guto: **Histórias da Capoeira em Porto Alegre no Século XIX - 2ª Parte**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E3KaFYgAlg4&t=17s>

Programa Nação: **Capoeira no RS – 1ª parte – 28/04/2014**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=7GlwKElONr0>

Programa Nação: **Capoeira no RS – 2ª parte – 28/04/2014**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=0DQgMJ8mL1I>

Programa Nação: **Capoeira no RS – 3ª parte – 28/04/2014**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=30RJeMkqmSY>



Aviso importante: Ao comprar um livro você não somente está a adquirir um produto qualquer. Você também remunera e reconhece o trabalho do autor e de todos aqueles que, direta ou indiretamente, estão envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras, tais como editores, diagramadores, ilustradores, gráficos, distribuidores e livreiros, entre outros. Se quiser saber um pouco mais sobre isso, acesse:

<https://www.youtube.com/watch?v=XQkpZA6qFhc>